UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO

AMANDA BASSANI DAL´BOSCO

CURA ANCESTRAL:
DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE A CULTURA DOS MEDICAMENTOS NATURAIS NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ - SC

PONTA GROSSA
2024

AMANDA BASSANI DAL´BOSCO

CURA ANCESTRAL:

DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE A CULTURA DOS MEDICAMENTOS NATURAIS NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ - SC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa, orientado pelo Professor Doutor Sérgio Luiz Gadini.

PONTA GROSSA

2024

Impresso com recursos publicos da UEPG por dgoliver

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

(Conforme anexo IX da Resolução CEPE nº 013, de 27 de março de 2018)

ATA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE JORNALISMO

Aos trinta e um dias do mês de outubro do ano de 2024 nas dependências do Campus Central desta Universidade, reuniu-se a Banca Examinadora composta por:
Orientador(a): Sérgio Luiz Gadini
Convidado(a): Maykon Lammerhirt
Professor(a) indicado(a) pelo DeJor: Ben-Hur Demeneck

A Banca avaliou o Projeto Experimental em Jornalismo (PEJ) sob o título "Cura Ancestral: Documentário jornalístico sobre a cultura dos medicamentos naturais na terra indígena Xapecó - SC" de autoria de **Amanda Bassani Dal´Bosco**. Após a apresentação e questionamentos realizados pelos membros da Banca, chegou-se aos seguintes resultados:

Professor(a) orientador(a), nota (10)
Convidado(a), nota (10)
Professor(a) indicado(a) pelo DeJor, nota (10)
Nota final: (10)

Resultado:
Aprovado (X)
Reprovado (__)
Indicado para reapresentação (__)

Recomendação para veiculação ( ) Sim ( ) Não ( ) Não se aplica

Observação da banca para retificação da versão final:

Ponta Grossa, 31 de outubro de 2024

Sérgio L. Gadini
Professor(a) Orientador(a)

Maykon C. Lammerhirt
Convidado(a)

Professor(a) DeJor

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

ANEXO VII DA RESOLUÇÃO CEPE Nº 13, DE 27 DE MARÇO DE 2018

1 – Identificação do(a) Acadêmico(a)

Nome: Amanda Bozoni Dal'Bosco

RA: 21003567 e-mail: 21003567@UEPG.BR

2 – Modalidade de Trabalho

Art. 3º da Resolução CEPE nº 13, de 27/3/2018 ( ) Pesquisa Monográfica (X) Produto Jornalístico

Título:

Cura Ancestral

Tema: Documentário jornalístico sobre a cultura dos medicamentos naturais na TI Kapoxi/SC

Eu supracitado(a), acadêmico(a) do Curso de Bacharelado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, conforme Art. 13 inciso XII do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso, responsabilizo-me pela redação do trabalho intitulado no item 2, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não) e que não sejam de minha exclusiva autoria estão citados entre aspas e está identificada a fonte e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizado(a) legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 07 de outubro de 2024

Amanda B. Dal'Bosco

Assinatura do(a) Acadêmico(a)

ANEXO XIV - AUTORIZAÇÃO
CESSÃO DE DIREITOS AUTORAIS PARA PUBLICAÇÃO E/OU DIVULGAÇÃO

1 – Identificação do(a) Autor(a)

Nome: Amanda Bassani Dal´Bosco
RA: 21003567 e-mail: amandabassanidal@gmail.com
Curso: **Bacharelado em Jornalismo**

2 – Identificação do(a) Orientador(a)

Nome: Sérgio Luiz Gadini
e-mail: slgadini@uepg.br
Departamento: **Jornalismo**

3 – Identificação do Documento

[X] Graduação [ ] Pós-Graduação
Ano de Conclusão: 2024
[ ] Monografia [X] Produto

Título: CURA ANCESTRAL: DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE A CULTURA DOS MEDICAMENTOS NATURAIS NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ- SC

Palavras-chave: Documentário jornalístico. Comunidade Indígena Kaingang. Medicamentos naturais.

Link Produto: https://drive.google.com/file/d/1qJK0e35v374RPlfNvcgHmKXLeH-firRI/view?usp=drivesdk

LICENÇA DE DISTRIBUIÇÃO NÃO-EXCLUSIVA

Ao assinar e entregar esta licença, o(a) autor(a) :

a) Concede à UEPG o direito não-exclusivo de arquivar, reproduzir, divulgar e/ ou distribuir o documento e/ou produto submetido (incluindo o resumo/abstract) em formato digital e/ou mídia, e em qualquer meio ou veículo de comunicação.

b) Declara que o documento submetido é um trabalho original de sua autoria e/ou que detém o direito de ceder os direitos contidos nesta Licença. Declara também que a submissão do documento não infringe, até onde lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

c) Se o documento submetido contém material para qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização irrestrita do detentor destes direitos, para ceder à UEPG os direitos requeridos nesta Licença, e que tal detentor está claramente identificado e reconhecido dentro do texto submetido.

d) Se o documento submetido é baseado em trabalho patrocinado ou financiado por agência ou organização que não a UEPG, declara que atendeu todos os direitos e obrigações requeridos no respectivo contrato ou acordo.

A UEPG identificará claramente o(s) seu(s) nome(s) como detentor (es) dos direitos do documento submetido, e que não fará qualquer alteração, além das autorizadas por esta Licença.

TERMO DE AUTORIZAÇÃO

Na qualidade de titular dos direitos de autor do conteúdo supracitado, autorizo a Biblioteca Central da Universidade Estadual de Ponta Grossa a disponibilizar a obra, gratuitamente de acordo com a licença pública *Creative Commons Licença 4.0 Unported* por mim declarada sob as seguintes condições:

- Permitir uso comercial de sua obra? ( ) SIM (**X**)NÃO
- Permitir modificações em sua obra? ( ) SIM (**X**)NÃO ( ) SIM , contanto que outros compartilhem pela mesma licença

A obra continua protegida por Direito Autoral e/ou por outras leis aplicáveis. Qualquer uso da obra que não o autorizado sob esta licença ou pela legislação autoral é proibido.

Ponta Grossa, 31 de 10 de 2024

gov.br Documento assinado digitalmente
SERGIO LUIZ GADINI
Data: 12/11/2024 09:08:03-0300
Verifique em https://validar.iti.gov.br

Assinatura do Orientador

Amanda Bassani Dal´Bosco

Assinatura do Autor

Agradecimentos

Primeiramente, a minha mãe, por tornar esse sonho possível - tanto da faculdade em outra cidade quanto do TCC no meu lar. Obrigada por nunca medir esforços, ser exemplo de força e dedicação, e por sempre incentivar minhas ideias. Sem você, dona Angela, eu não estaria aqui.

À minha família, mesmo de longe, sempre presente- toda saudade e meses sem nos ver, valeu a pena. Em especial ao meu irmão, Eduardo - mesmo brigando por tudo eu te amo, sarna. Ao João, namorado da minha mãe, por ir me acompanhar e me levar para cima e para baixo quando podia para realizar as entrevistas, facilitando muito o processo, sem reclamar nenhuma vez de nada, nem da espera.

Aos amigos de Santa Catarina que acompanharam esse processo - sempre juntos no meu coração. Aos amigos que fiz em Ponta Grossa - Anne, Iasmin e Igor, que ajudaram a suportar as dificuldades e a saudade de casa e da família; na faculdade os Jornaleiros: Alex, Iasmin, João, Leonardo, Pamela e Vittória tornaram tudo mais fácil e divertido, boas memórias serão levadas daqui.

Aos professores e às aprendizagens ao longo destes quatro anos.

Ao pessoal do estágio no Czekalski, por me lembrar do porquê jornalismo e me animar nesta reta final. Em especial um grande obrigado ao colega Paulo Henrique Cavagnari por fazer os lindos GCs utilizados no documentário.

Por fim, ao meu orientador, professor Sérgio Luiz Gadini - por não soltar minha mão ao longo destes meses, mesmo sem me conhecer antes de realizar o TCC e por toda a paciência. Saiba que serei sempre grata pela oportunidade de realizar este trabalho com você, por me ajudar a tirar as ideias da cabeça e transformar no documentário que estou entregando, por me incentivar e ver que sim, era possível fazer e entregar esse trabalho.

RESUMO

O trabalho de conclusão de curso é um documentário jornalístico que objetiva registrar a cultura da produção de medicamentos naturais feita pelos Kaingangs da Terra Indígena Xapecó - Santa Catarina. Para a realização do trabalho, o referencial teórico escolhido está em consonância com teoria e prática, discutindo processos e elementos que compõem o documentário jornalístico - como entrevista (Medina, 1986), roteiro (Field, 2001), cultura (Santaella, 2010) e as características jornalísticas (Groth, 2011). A realização do trabalho inclui entrevistas, levantamentos bibliográficos e documentais. O documentário será veiculado no *YouTube* e outros espaços de mídia com interesse comunitário (como a TVCom PG e, talvez, a TVE PG) com duração de, aproximadamente, 30 minutos.

Palavras-chave: Documentário jornalístico. Comunidade Indígena Kaingang. Medicamentos naturais.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO..... 8

2. TEMA..... 9

3. OBJETO..... 12

4. PROBLEMA..... 15

5. OBJETIVOS..... 17

5.1. OBJETIVO GERAL..... 17

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS..... 17

6. JUSTIFICATIVA..... 18

7. METODOLOGIA..... 26

8. DOCUMENTANDO FATOS..... 30

8.1. ALÉM DA IMAGEM: A IMPORTÂNCIA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO..... 34

8.2. A CULTURA DA MEDICINA ALTERNATIVA NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ. 35

8.3. ENTREVISTAS E ROTEIRO: GUIAS NO PROCESSO DO DOCUMENTÁRIO. 36

9. DELINEAMENTO DO PRODUTO..... 39

10. ROTEIRO..... 42

11. CRONOGRAMA..... 50

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 53

13. REFERÊNCIAS..... 54

APÊNDICE A - RELATÓRIO ANALITICO..... 57

APÊNDICE B - ROTEIROS ENTREVISTAS..... 64

APÊNDICE C - DOCUMENTÁRIO..... 71

APÊNDICE D - DECUPAGEM..... 73

APÊNDICE E - CORTES..... 75

APÊNDICE F - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM..... 77

1. INTRODUÇÃO

Ao longo deste trabalho de conclusão de curso, foi realizado um documentário jornalístico original, com objetivo de registrar a cultura Kaingang - focado na cultura de medicamentos tradicionais indígenas na Terra Indiígena Xapecó, localizada em Santa Catarina. Essa prática ancestral do uso de medicamentos com base em ervas naturais, é transmitida de geração para geração, desempenhando papel na preservação da saúde e dos saberes ancestrais.

A produção foi realizada a partir da perspectiva jornalística que abrange técnicas como forma de operacionalizar o processo para entrega do produto final. Para compreender processos jornalísticos para construção do documentário, utilizamos Medina (1986) para abordar a entrevista jornalística; Field (2001) para a construção do roteiro, além de Santaella (2010) discutindo questões culturais e Groth (2011) para compreender as características jornalísticas.

A construção deste documentário é formada por entrevistas, levantamento de fontes bibliográficas e documentais - além de processos de roteirização, decupagem e edição. O trabalho também apresenta um relato das atividades desenvolvidas ao longo do ano como forma de viabilizar o documentário - seja através de agendamentos, ligações, processo de pré-apuração até a finalização do documentário proposto.

2. TEMA

O presente trabalho de conclusão de curso apresenta um documentário jornalístico experimental, intitulado “CURA ANCESTRAL: DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE A CULTURA DOS MEDICAMENTOS NATURAIS NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ - SC”. A proposta desenvolve-se a partir da produção de remédios naturais feitos por diversos atores sociais em diálogo ou alguma sintonia com os Kaingangs da Terra Indígena Xapecó, que abrange os municípios de Ipuaçu e Entre Rios, no Oeste de Santa Catarina. A narrativa jornalística e entrevistas são elementos usados para contar como é o processo atual na produção de remédios naturais, trazendo o histórico da cultura realizados pelos Kaingangs da região e a relação das Freiras Franciscanas com os indígenas produtores. O documentário será postado no *YouTube, com* duração prevista de 30 minutos.

Os dois municípios em que se encontra a Terra Indígena Xapecó estão situados no Oeste catarinense, na microrregião do Alto Irani. Ipuaçu, nome de origem Tupi Guarani[1] que significa “Lajeado Grande”, tem uma população de 7.730 pessoas de acordo com o Censo IBGE 2022, sendo 4.263 indígenas. Já Entre Rios[2] recebe este nome por estar localizada entre os rios Chapecó e Chapecozinho, com registro de 3.402 habitantes, destes 1.254 são indígenas (IBGE, Censo 2022).

O número de habitantes de ambos os municípios é pequeno em relação à área de cada um. O território de Ipuaçu é equivalente a 261,081km², sendo apenas 3,83 km² de área urbanizada[3]. Entre Rios tem 103,888 km², com apenas 1,86 km² do perímetro urbanizado[4]. Boa parte do restante do território das duas cidades concentra a base econômica: agricultura e pecuária.

Mesmo com uma pequena parcela do território urbanizada e com o baixo número de habitantes, a variedade cultural dos municípios é grande. A população é composta por descendentes de imigrantes alemães e italianos, tropeiros, gaúchos e povos indígenas Kaingang e Tupi Guarani.

É preciso lembrar que a Terra Indígena Xapecó é, em número de indígenas, a maior Terra Indígena da região Sul do Brasil: são 5.517 indígenas vivendo na TI. Apesar de ser um local pequeno, há histórias que precisam ser contadas antes que

---

[1] https://ipuacu.sc.gov.br/pagina-7032/
[2] https://entrerios.sc.gov.br/pagina-4682/
[3] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ipuacu/panorama
[4] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/entre-rios/panorama

sejam apagadas da memória dos moradores. Daí surge o documentário como ferramenta de registro.

De acordo com Ramos (2008), o documentário é sustentado pelo estilo e intenção do que está sendo produzido. Aqui, a intenção é registrar como são produzidos os remédios naturais nos dias atuais pelos Kaingangs da TI Xapecó - considerando que esta é uma prática antiga. Por meio da história dos produtores indígenas, o documentário apresenta esse saber compartilhado que é preservado e transmitido de geração para geração. “O que caracteriza o documentário é a “narrativa que possui vozes diversas que falam do mundo, ou de si”. (Ramos, 2008, p. 24)

Para além de contar histórias, o formato audiovisual documentário foi escolhido para mostrar quem fala, de onde fala e também para apresentar as ervas utilizadas nas produções dos remédios naturais. Lage (2002, p. 30) explica que o uso do registro visual na produção jornalística “dá dimensão de reportagem ao acontecimento singular e eventualmente revela focos de interesse que escapam ao texto.”

A Terra Indígena Xapecó/SC, local onde foi produzido o documentário, já está com demarcação territorial homologada desde 1991. A demarcação das terras indígenas é destinada à proteção e posse dos indígenas, como forma de preservar a cultura, o meio ambiente e tradições dos povos originários[5]. No dia 15/12/2023 o Congresso derrubou o veto do Presidente Lula ao Marco Temporal - tese jurídica que defende que os povos indígenas devem ocupar as terras que já habitavam e/ou disputavam até 05 de outubro de 1988, quando a Constituição Federal foi promulgada[6]. Cada vez mais, percebe-se a tomada de terras indígenas, na maioria dos casos por setores do agronegócio, o que implica na gradual ou imediata destruição dos recursos naturais com prejuízos e impactos diretos aos povos indígenas e também ao meio ambiente, vida e cultura das comunidades atingidas. É o que revelam reportagens do portal jornalístico Sumaúma[7], dentre outros veículos e registros, de forma mais acentuada a partir de 2016, no Brasil.

O jornalismo ocupa importante papel em registrar essas culturas, crenças e tradições, além de, ao pautar assuntos de relevância coletiva, tensionar a

[5] https://www.gov.br/funai/pt-br/atuacao/terras-indigenas/demarcacao-de-terras-indigenas
[6] https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14701.htm
[7] https://sumauma.com/

atualização das políticas públicas direcionadas à preservação dos povos originários. Desta forma, o presente documentário registra jornalisticamente, considerando os limites da cobertura, a história e cultura da produção de remédios naturais feita por Kaingangs na Terra Indígena Xapecó/SC através de entrevistas com produtores indígenas, com as Freiras Franciscanas e com consumidores dos medicamentos.

3. OBJETO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como objeto o registro da produção atual e os saberes compartilhados pelos produtores de medicamentos naturais da Terra Indígena Xapecó/SC - em forma de um documentário com caráter regional. Produzido em formato audiovisual, com duração prevista de 30 minutos e veiculação estipulada para o YouTube e outros espaços de mídia com interesse comunitário (como a TVCom PG e, talvez, a TVE PG), o documentário apresenta a cultura e como está atualmente a produção de remédios por Kaingangs na maior Terra Indígena do sul do país, a TI Xapecó, localizada no oeste catarinense.

O levantamento de informações que compõem o documentário foi realizado por meio de entrevistas, revisões bibliográficas e documentais, elementos fundamentais para entender a região, a cultura e para constituir a narrativa jornalística da obra. Como forma de sistematizar e tornar possível a produção do documentário e do trabalho, foi feito um cronograma indicando datas de seleção de fontes, contato com as fontes e realização de entrevistas.

Santaella (2010) aponta que há inúmeras definições de cultura e que, apesar dos diferentes sentidos a ela empregada, todas têm em comum a derivação da palavra em latim cultura, que na sua origem “significava o ato de cultivar o solo.” A definição de cultura utilizada neste trabalho é apresentada por Santaella como “breve e útil”, mas que é proporcional com a abordagem escolhida para o desenvolvimento do documentário.

> "A cultura é a parte do ambiente que é feita pelo homem. Implícito nisto está o reconhecimento de que a vida humana é vivida num contexto duplo, o habitat natural e seu ambiente social. A definição também implica que a cultura é mais do que um fenômeno biológico. Ela inclui todos os elementos do legado humano maduro que foi adquirido através do seu grupo pela aprendizagem consciente, ou, num nível algo diferente, por processos de condicionamento - técnicas de várias espécies, sociais ou institucionais, crenças, modos padronizados de conduta. A cultura, enfim, pode ser contrastada com os materiais brutos, interiores ou exteriores, dos quais ela deriva. Recursos apresentados pelo mundo natural são formatados para vir ao encontro de necessidades existentes. (Santaella, 2010. p. 31)."

Nesse contexto, na região onde foi realizado o documentário, considera-se o cultivo, a colheita e a produção dos medicamentos naturais feitos pelos Kaingang como uma prática cultural. Aqui, os indígenas produtores buscam através das

plantas, associado ao seu saber de propriedades curativas e dos processos de produção, extrair da terra a cura.

Como forma de entender como ocorre esse processo, o documentário é centrado nas histórias de alguns produtores de remédios Kaingangs que habitam a Terra Indígina Xapecó -SC. Por meio de relatos nas entrevistas é possível identificar a relação entre os indígenas e o ambiente em que estão inseridos e como se dá o processo cultural de produção de remédios naturais. Para além disso, busca-se entender por meio das histórias contadas como esses indígenas se tornaram produtores e, por meio de suas explicações, apresentar as plantas e suas propriedades curativas.

O formato documentário foi o escolhido devido a possibilidade de trabalhar o tema em profundidade e por se entender que o uso da imagem neste documentário é fundamental. Em suma, o documentário tem aspectos semelhantes a de reportagens jornalísticas de televisão, em especial no que envolve os processos de produção editorial: em ambos utiliza-se um método de apuração e certificação dos fatos, seleção de fontes e narrativa como estrutura básica, além é claro do formato audiovisual.

Melo, Gomes e Morais (2000) apresentam que o gênero documentário é quase uma exclusividade de TV 's por assinatura e educativas, caracterizado por sua atemporalidade de divulgação, maior tempo de produção e maior custo produtivo. De acordo com os autores, mesmo quando é realizada cobertura com maior profundidade na TV, é priorizada a produção de grandes reportagens, não de documentários - como no Globo Repórter/ Globo.

> "Acreditamos que isso se dá porque nas TVs comerciais o ritmo de produção jornalística é pautado, prioritariamente, pela informação factual e pelo imediatismo na transmissão da informação. Isso dificulta o investimento na produção de documentários, pois, estes requerem uma pesquisa mais aprofundada e detalhada do tema a ser abordado. (Melo, Gomes e Morais, 2000. p. 2).”

Assim, o documentário proposto se apresenta como uma possibilidade de trabalhar jornalísticamente a questão cultural na Terra Indígena Xapecó. As notícias do Marco temporal chamam atenção para pautas voltadas à demarcação do território indígena e mostram a necessidade de documentar a cultura dos povos originários que sobrevivem em meio aos ataques. A pesquisa atenta-se a abordar de forma

ética a produção dos medicamentos naturais produzidos e os conhecimentos passados de geração a geração na comunidade Kaingang.

4. PROBLEMA

O problema central do TCC se traduz no desafio de como registrar, por meio de um documentário jornalístico, a cultura da produção de medicamentos naturais pelos Kaingangs no interior do Oeste de Santa Catarina? Entra aqui o desafio de utilizar uma narrativa jornalística-documental na produção do documentário audiovisual proposto. Considera-se, assim, fundamental, planejar e executar uma produção jornalística, visto que a mesma tem a tarefa de levar informações de interesse coletivo ao público, em especial sobre temas (cultura de produção e uso de medicamentos naturais em Comunidades Indígenas) que, até o momento, registram pouca visibilidade em formatos jornalísticos audiovisuais.

Para a realização do trabalho e como forma de contar a história da cultura da produção de remédios naturais feito pelos Kaingangs, foi preciso localizar e contatar os atores do documentário - processo ainda em aberto devido a programação de gravações e mediação por parte das Freiras Franciscanas com produtores mais idosos. Neste, busca-se, para além de entender os processos produtivos dos medicamentos naturais, contar suas trajetórias como produtores e a ligação cultural de cada um com as ervas utilizadas.

Há uma significativa lacuna sobre o conhecimento da medicina natural utilizada e mantida pelos Kaingangs da terra indígena Xapecó, em Santa Catarina, o que caracteriza um desafio ao trabalho de rememorar e registrar saberes da produção de medicamentos em formato audiovisual para que o mesmo não caia no esquecimento.

Pelo viés jornalístico, Dines (1986, p. 27) aponta que “o jornal é o fragmento da história e da memória de um país.” Seguindo a visão do pesquisador, o documentário jornalístico proposto serve como registro histórico de uma parte da cultura Kaingang do oeste catarinense.

No jornalismo diário, mais especificamente no telejornalismo de emissoras abertas, a utilização do documentário jornalístico na composição da programação da emissora é visto poucas vezes. O motivo é o tempo de produção para a TV, com o jornalismo focado no imediatismo com menor tempo para aprofundamento nas pautas, que não são esgotadas em uma única reportagem. Daí o documentário como espaço de produção jornalística. Mas este não se limita como único diferenciador entre a produção audiovisual para telejornalismo e documentário.

A narrativa empregada também é um elemento que difere o formato jornalístico produzido. Melo, Gomes e Morais (2000, p. 3) ressaltam que a narrativa é de extrema relevância na constituição do documentário ”os registros históricos funcionam como fragmentos da realidade e só se constituirão documentário se conduzidos por uma narrativa capaz de dar unidade ao que se quer contar.” - assim, o jornalista une uma série de informações e as organiza através da narrativa. Ainda de acordo com os autores, é preciso considerar o local e a época da produção.

O objetivo do documentário é mostrar como se constitui (e se mantém) a cultura Kaingang pela produção e consumo de medicamentos na Comunidade indígena de Xapecó/SC, em uma região pouco divulgada pela mídia comercial. Há enorme pluralidade de fontes e histórias que precisam ser resgatadas e gravadas para que as gerações futuras conheçam o local que habitam, para que os outros saibam que no interior do Oeste de Santa Catarina está concentrada a maior aldeia indígena do Sul do país e para que esta cultura não seja esquecida.

Keesing (1964. Apud. Santaella, 2010) destaca que as tradições culturais se acumulam, sendo compartilhadas de “uma geração a outra” e se houver quebra nessa transmissão de aprendizados, a tradição cultural está fadada ao desaparecimento. Por isso a importância deste documentário: o registro cultural.

A maior Terra Indígena em população na região sul do Brasil está localizada entre dois pequenos municípios do oeste-catarinense. A TI Xapecó, que fica em Ipuaçu e Entre Rios, é habitada por 5.517 indígenas (IBGE, Censo 2022). Em levantamento realizado nos bancos de dados Capes e SciELO[8], foram encontrados um número relativamente baixo de trabalhos acadêmicos realizados sobre os Kaingang da TI Xapecó - nenhum jornalístico. Também foi averiguado o banco de trabalhos de conclusão de curso em jornalismo da Universidade Comunitária da Região de Chapecó (UNOCHAPECÓ) - visto que é a universidade mais próxima com graduação em jornalismo - e nenhum trabalho referente aos Kaingang ou a Terra Indígena Xapecó foi encontrado.

[8] Tabela 1

5. OBJETIVOS

5.1. OBJETIVO GERAL

Elaborar um documentário audiovisual jornalístico sobre a produção de medicamentos naturais feitos ou utilizados pelos Kaingangs no oeste de Santa Catarina, a partir levantamentos documentais, referências bibliográficas e entrevistas (inéditas) com integrantes da comunidade e profissionais que atuam na região e, portanto, também possuem conhecimento técnico sobre os medicamentos naturais na Comunidade Indígena de Xapecó.

5.2. OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Apresentar os atores que cultivam e produzem medicamentos a partir das plantas naturais na Terra Indígena Xapecó (SC).
2. Resgatar a forma de transmissão dos saberes por meio das entrevistas com produtores de remédios Kaingangs.
3. Descobrir qual a relação e o papel das Freiras Franciscanas na produção com os indígenas.

6. JUSTIFICATIVA

A Terra Indígena Xapecó (SC) é a maior comunidade existente na região Sul do Brasil, com 5.517 pessoas que vivem na área. A rara existência de materiais (em formato jornalístico documental audiovisual) sobre a região desafia a autora a produzir um documentário audiovisual sobre as práticas de medicina natural (produção e consumo) existentes entre os moradores da referida área indígena. Para além de um interesse humano e cultural da autora, aliado à proximidade geográfica, a ausência de materiais que registrem uma das práticas seculares dos povos nativos no Brasil (o uso de ervas medicinais) é a principal justificativa para o trabalho de conclusão de curso em Jornalismo na UEPG.

O presente trabalho de conclusão de curso, assim como o produto desenvolvido, discute (de forma ética, respeitosa e plural) como pautar jornalisticamente, através de um documentário audiovisual, assuntos indígenas. Entender como fazer cobertura indígena ajuda para que não haja propagação de estereótipos por parte do jornalismo, que tem papel de cobrar políticas públicas e de assegurar os direitos dos povos originários.

Aqui, documenta-se como é atualmente o processo de produção de medicamentos naturais pelo viés de quem produz. O documentário também busca registrar, por meio das histórias dos atores, em que momento cada um entrou em contato com a cultura e como ela é transmitida.

A escolha do tema - cultivo e trabalho dos kaingangs com remédios naturais - para a realização do documentário se dá pelo conhecimento preliminar da cultura e da região, mas também devido à baixa produção acadêmica sobre os indígenas da Terra Indígena Xapecó. Foi realizado mapeamento (tabela 1) das últimas produções na SciELO Brasil[9] e Periódico Capes[10].

[9] https://www.scielo.br/
[10] https://www-periodicos-capes-gov-br.ezl.periodicos.capes.gov.br/index.php/buscador-primo.html

Tabela 1 - Mapeamento da produção acadêmica sobre a terra índigena Xapecó. Principais trabalhos encontrados:

Título	**Autor**	**Ano**	**Acervo**
Mito e ritual entre os índios Kaingang do Brasil meridional	Crépeau, Robert R.	1997	SciELO
Agravos na saúde Kaingáng (Terra Indígena Xapecó, Santa Catarina) e a estrutura dos serviços de atenção biomédica	Diehl, Eliana E	2001	SciELO
A participação dos agentes indígenas de saúde nos serviços de atenção à saúde: a experiência em Santa Catarina, Brasil	Langdon, Esther Jean; et al.	2006	SciELO
Educação matemática na escola indígena sob uma abordagem crítica	Bernardi, Luci dos Santos ; Caldeira, Ademir Donizeti	2012	SciELO
Indigenous nurses: participation of nursing technicians and auxiliary in indigenous health care services	Diehl, Eliana Elisabeth; Follmann, Helga Bruxel Carvalho	2014	SciELO
Reflections on intervention strategies with respect to the process of alcoholization and self-care practices among Kaingang indigenous people in Santa Catarina State, Brazil	Ghiggi Junior, Ari; Langdon, Esther Jean	2014	SciELO
Epidemiology of high blood pressure among the Kaingang people on the Xapecó Indigenous Land in	Bresan, Deise ; Bastos, João Luiz; Leite, Maurício Soares .	2015	SciELO

Santa Catarina State, Brazil, 2013			
O Sistema Democrático e o Sistema Tradicional: colonialidade e política entre os Kaingáng da TI Xapecó (SC)	Santos, Rafael Benassi dos	2023	Periódico Capes
“Só Por Deus”: Cura E Tratamento De Hipertensão Arterial E Diabetes Entre Os Indígenas Kaingang Da Terra Indígena Xapecó, Santa Catarina	Garcia, Sandra Carolina Portela	2018	Periódico Capes
A luta pela terra em território Kaingang: os conflitos na Terra Indígena Xapecó (SC/Brasil) ao longo do século XX	Carina Santos de Almeida ; Ana Lúcia Vulfe Nötzold	2011	Periódico Capes

Fonte: o autor, 2024.

Nenhum dos trabalhos levantados é jornalístico. Dois têm ligação com o tema deste trabalho. Foi realizada pesquisa no banco de trabalhos de conclusão de curso em jornalismo da UNOCHAPECÓ, com as palavras chaves “Kaingang” e “Xapecó”, mas nenhum trabalho foi encontrado. A Universidade Comunitária é a instituição com graduação em jornalismo mais próxima da TI.

Olhando para os outros trabalhos, com foco histórico, educacional e na saúde, o número de trabalhos é baixo se considerar o tamanho de onde está localizada a comunidade indígena Xapecó. O território de Ipuaçu é equivalente a 261,081km², sendo 3,83 km² de área urbanizada[11]. Entre rios tem 103,888 km², com 1,86 km² urbanizados[12]. Ambas são cidades pequenas, mas abrigam a maior reserva indígena da região Sul do Brasil.

Em Ipuaçu mais da metade da população é indígena: 55,15% (4.263 pessoas), totalizando 7.730 habitantes; Entre Rios 1.254 são indígenas, 36,86 %. No Rio Grande do Sul as maiores reservas indígenas estão em São Valério do Sul, 48,64 %; Benjamin Constant do Sul, 46,3 % e no Paraná Nova Laranjeiras, 23,87 %; Tamarana, 15,63 % (IBGE, 2022). Mesmo considerando que a região possui a maior Terra Indigena do Sul do País, trabalhos jornalísticos com os Kaingangs são raros ou pouco frequentes. Em busca no YouTube, há apenas dois[13] documentários sobre a TI Xapecó, ambos falando da história da mesma, nenhum focado nas ervas medicinais.

Para a produção documental, a escolha do formato se deu devido a aproximação no ano anterior (2023) com produção audiovisual nas matérias Audiovisual I e II - não apenas com o gravar, mas com o processo da documentação como um todo - pauta, entrevista, edição, roteiro. Além das aulas, a escolha reflete um gosto pessoal por documentários.

Outro fator determinante para a escolha do formato documentário audiovisual é a possibilidade de mostrar com imagens o que está sendo falado. Levando em consideração que este aborda práticas de produção de remédios através de plantas, entende-se que é preciso mostrar as plantas e que não haveria formato melhor para a realização deste trabalho do que a documentação audiovisual. Nichols (2010, p.

---

[11] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ipuacu/panorama
[12] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/entre-rios/panorama
[13] https://www.youtube.com/watch?v=YJ4-dWRP4V4&t=1s e https://www.youtube.com/watch?v=1EzH8lohDQg&t=192s

51) explica que o uso da imagem “suprime grande parte da complexidade da relação entre representação e realidade, e também adquire uma clareza ou simplicidade que deixa subentendido que os documentários têm acesso direto e verdadeiro ao real”.

“Somos Guardiões” (2023)[14], “Mato Eles?” (1983) e “Veredas Kaingangs” (2017) e “Índio Cidadão” (1986) são documentários que inspiram a produção deste. Além da influência pelo consumo prolongado de programas como *Globo Repórter* e *Fantástico*. Estes são exemplos de produtos e programas que contam histórias mais aprofundadas e mostram os locais em que se está narrando os acontecimentos - o que o presente documentário se dispõe a fazer.

Outro documentário influente na decisão do formato foi utilizado em aula de Seminário I, ministrada pelo Prof. Dr. Ben-Hur Demeneck, “*20 Dias em Mariupol*,” do jornalista Mstislav Chernov. Pelo produto, constata-se a importância da documentação visual e da narrativa jornalística, que vai além da imagem exibida no produto final: é um caminho percorrido com um objetivo.

Segundo Groth (2011, p. 143) “é por causa do sentido que a obra é produzida, ele encaixa os elementos, ele é o gancho que liga as características, que determina a sua forma e a sua posição em relação umas às outras”. O que é produzido precisa ter um sentido, se não por que produzir? As características centrais na produção jornalística são pensadas conforme com o objetivo de alcançar o sentido planejado pelo autor da obra. Aqui seria o sentido de apresentar a cultura Kaingang da produção de medicamentos naturais - não só a cultura do se produzir, mas também dos ensinamentos e saberes compartilhados por gerações e que se mantém vivo no interior do oeste de Santa Catarina.

O trabalho foi realizado em uma região pouco explorada em pluralidade de fontes e histórias que precisam ser resgatadas e gravadas para que as gerações futuras conheçam o local que habitam, para que os outros saibam que no interior do Oeste de Santa Catarina está concentrada a maior aldeia indígena do Sul do país. Assim como relatado por um das principais fontes do documentário, a prática com as ervas tradicionais quase foi extinta da TI Xapecó, visto que a forma de transmissão dos saberes, há décadas, era por expressão oral, sem o registro das práticas e sabedorias. E, assim, a prática cultural também ficou concentrada nas mãos de

[14] Disponível Netflix

poucos. Por este aspecto, destaca-se a necessidade e pertinência de trabalhar a cultura indigena, para que a mesma não seja esquecida e tenha maior valorização.

Este também é um tema pouco recorrente nos trabalhos de conclusão de curso em jornalismo UEPG. Em levantamento dos últimos cinco anos (tabela 2), realizado através da lista de trabalhos ofertadas pelo Departamento de Jornalismo da UEPG, foram apresentados 14 TCC´s em formato documentário - nenhum foi sobre tema indígena. O único documentário apresentado como TCC que se aproxima em tema com este é o de 2006, de Danilo Correia e Yolanda Maria Muniz Tuzino, intitulado “Existir e Resistir: vídeo-documentário jornalístico sobre a Comunidade Quilombola Morro Seco”.

Deste modo, a escolha do formato audiovisual - documentário jornalístico sobre ervas medicinais indígenas - possibilita explorar o tema, visto que dificilmente a produção teria espaço em edições de telejornalismo diário. Pelos relatos dos atores escolhidos, através de entrevistas realizadas presencialmente e gravadas, busca-se com o documentário pautar e transmitir aos espectadores o valor da prática medicinal no contexto cultural e local através de depoimentos de pessoas que conhecem e vivenciam essas experiências. Mais do que informar, por meio de um trabalho de conclusão de curso, a proposta e desafio é que o documentário provoque uma reflexão crítica sobre as práticas, conhecimentos, cultura e costume dos povos originários, que estão em constante perigo de se perder.

Tabela 2 - Documentários produzidos como TCC em Jornalismo UEPG - 2019 a 2023.

Documentário	**Autor**	**Orientação**	**Ano**
O Jogo É Hoje Um Documentário Sobre A Realidade Dos Atletas De Base Do Operário Ferroviário Esporte Clube	Gabriel Ryden De Mello Florêncio	Marcelo Bronosky	2023
O Sonho Da Bailarina: Vídeo Documentário Jornalístico Sobre As Ações De Projetos Sociais De Balé Em Ponta Grossa/Pr	Lilian Ferreira Magalhães	Marizandra Rutilli	2023
“Ciclos Desiguais”: Um Documentário Sobre A Pobreza Menstrual Nas Perspectivas Escolar, Carcerária E Rural Na Cidade De Ponta Grossa/Pr	Marcella Panzarini Silva	Karina Woitowicz E Paula Rocha	2023
À Margem Da Cidade: Documentário Jornalístico Sobre A Trajetória Da Ocupação Ericson John Duarte	Janaina Cassol	Hebe Gonçalves	2023
Não Desista! Documentário Jornalístico Sobre As Profissionais Do Futebol	Taynah Lira	Cintia Xavier	2022/23
Tcc: Vídeo Documentário: Ascensão E Queda Do Cine Império De Ponta Grossa (1939-2014)	Cássio Murilo Lourenço Gomes	Rafael Schoenherr	2022/23
Tcc: Literatube: Série Documental Jornalística Em Formato Audiovisual Sobre Booktubers Paranaenses	Manuela Roque Ferreira	Karina Woitowicz	2022/23
Emoção Nas Ondas Do Rádio: Um Documentário Sobre As Transmissões Esportivas Do Rádio	Eduardo Henrique Machado	Marizandra Rutilli	2021

Ponta-Grossense			
Memórias Alvirrubras: Documentário Jornalístico Sobre Os 100 Anos De História Do Ypiranga Futebol Clube	João Paulo Calaça Pacheco	Muriel Emídio Pessoa Do Amaral	2021
O Operário Subiu! E Depois? Um Documentário Jornalístico Sobre Os Reflexos Da Ascensão Recente Do Operário Ferroviário Na Vida Pública Em Ponta Grossa	Raylane Martins	Rafael Schoenherr	2020
Conquista Do Direito À Aposentadoria: Um Documentário Jornalístico Com Relatos De Aposentados De Cascavel-Pr	Francielle Ampolini	Sérgio Gadini	2020
Arte Da Margem: Documentário Jornalístico Sobre Os Modos De Vida E A Marginalização Dos Artesãos Nômades – Malucos De Estrada Em Ponta Grossa	Ana Carolina Lopes Rodrigues	?	2019
Mãe É Ser: Um Documentário Com Elementos Jornalísticos Sobre As Políticas Públicas Envolvendo Gravidez Na Adolescência	Enaira Schoemberger	?	2019
Trabalho À Margem: Documentário Jornalístico Sobre “Uberização” Em Ponta Grossa	Ingrid Rafaela Petroski	?	2019

7. METODOLOGIA

O presente trabalho foca no desafio de documentar jornalisticamente, por meio do formato audiovisual, a prática cultural dos indígenas Kaingangs da Terra Indigena Xapecó, no Oeste Catarinense, com as ervas medicinais, dialogando com conceitos que guiam o processo de produção do documentário.

Entende-se aqui que, para realizar o trabalho, tanto conceitual quanto técnico, é necessário estar em consonância com os assuntos abordados. Para produzir um documentário é preciso entender a definição do mesmo, neste caso, considerando como guia norteador, a reflexão de Ramos (2008), que caracteriza o documentário como “uma narrativa com imagens-câmera que estabelece *asserções* sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo.” (Ramos, 2008. p. 22). Para além de entender o que é um documentário, é necessário compreender as práticas jornalísticas que englobam o formato que viabiliza o processo de produção editorial, aqui considerando em três etapas.

1º etapa: Pesquisa e Pré-apuração

De março a abril de 2024 foram realizadas pesquisas para compreender o contexto local em que se passa a história abordada no documentário. Verificou-se, assim, a necessidade de explicar o local em que o documentário é gravado - por ser uma região pequena e pouco conhecida. Este momento foi separado para busca exploratória na região, através de levantamentos de dados pelos sites das prefeituras de Ipuaçu e Entre Rios, e um estudo com base nos dados disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Para saber o que já foi produzido sobre a região - centrado em produções voltadas ao tema Kaingangs e Terra Indígena Xapecó/SC, a partir de pesquisas sobre estudos já realizados e produtos jornalísticos - como documentários e reportagens - produzidos na TI Xapecó.

Em levantamento bibliográfico e documental sobre a história das cidades (Entre Rios e Ipuaçu) e da Terra Indígena Xapecó, Santos (2023) apresenta uma perspectiva organizacional para compreender a TI Xapecó e Almeida e Nötzold (2011) apresentam a luta Kaingang pela territorialidade. Com base nas pesquisas, foi possível delimitar a referência central do roteiro.

Após o primeiro momento da produção do trabalho, viu-se necessário estudar o documentário. Assim, recupera-se o trajeto histórico do documentário através da perspectiva de Xavier (2011), que discute as mudanças e a evolução do que hoje se conhece como documentário, acompanha as mudanças tecnológicas: além do material usado para produção, o entendimento do papel do documentário também destacam-se perspectivas pelo viés jornalístico. Lage (2002) apresenta que o audiovisual da destaque no olhar a coisas que vão além da palavra, e discute que, nos meios jornalísticos, o uso do audiovisual não “mataram” o idioma e a escrita, e debate qual melhor forma de comunicar pelas palavras - tendo em vista que a mensagem alcance o telespectador.

Outro tópico abordado na pesquisa é a diferenciação entre documentário jornalístico e ficcional. Zandonade e Fagundes (2003) e Spinelli (2012) são usadas para debater conceitos de documentário ficcional, a diferenciação entre elementos do jornalismo televisivo e do documentário. Nichols (2010) apresenta o que torna o documentário próprio e os tipos de documentários. Na interface cultural, Santaella (2010) traz definições de cultura e Groth (2011) é trabalhado em relação ao sentido produzido pela obra jornalística e as características do jornalismo: atualidade, universalidade e periodicidade.

2º etapa: Produção

Após a pré-apuração, o foco do trabalho voltou-se para a produção do documentário. É necessário técnica para elaboração do produto jornalístico, visto que o mesmo processo “vincula-se às relações contingentes das sociedades humanas; na comunicação social, o objeto é a sociedade e a comunicação um aspecto de sua existência” (Lage, 2001. p. 55). Como Lage (2001) expõe, a realidade é vasta e perceptível de diferentes ângulos, e que podemos usar mecanismos como câmera e gravações para registrar em diferentes níveis. Com este material, é necessário selecioná-lo e estruturá-lo. Como apresentado por Lage (2001), considera-se que na hora de organizar os dados levantados na pré-apuração, dialogando com a importância e o interesse coletivo possível em torno do assunto pautado.

Para atingir os objetivos propostos neste trabalho, constatou-se ainda a necessidade de fazer revisões referentes à prática jornalística e características que compõem o documentário. Nota-se que um documentário passa por processos

produtivos assim como a reportagem elaborada para TV. Pré-apuração, entrevista e roteiro são elementos fundamentais para compor a peça jornalística - aqui considera-se o roteiro como pilar para produzir um documentário, buscando entendê-lo no âmbito teórico e, ao mesmo tempo, como método de trabalho, que se caracteriza como um dos principais guias para a produção.

Para esta etapa, foi utilizado o *Manual do Roteiro*, escrito por Field (2001). O autor do livro foi um renomado roteirista, produtor e professor, que dedicou anos da vida aos estudos sobre roteiros, desenvolvendo a obra utilizada aqui no trabalho como um guia simples e objetivo para iniciantes. Considerando que é a narrativa jornalística que emaranha os fatos e dá sentido ao que está sendo contado, é preciso saber roteirizar o texto, as imagens e ações.

A principal estratégia metodológica adotada para a produção deste documentário é a apuração jornalística. Como forma de operacionalizar os processos de produção, foi feito um calendário dividido em cinco etapas: pré-apuração, apuração, escuta e decupagem e a edição do documentário. A escolha do tempo para a execução de cada considerou as datas de entrega previstas da disciplina Projeto Experimental em Jornalismo II, ministrada pelo prof. Dr. Felipe Simão Pontes, no primeiro semestre do ano, e o calendário de entrega neste segundo semestre.

Em um segundo momento, de maio a julho, a produção volta-se ao processo de apuração de dados e informações coletadas por meio de entrevistas e revisões documentais. Para tal, viu-se necessário organizar uma agenda, onde foram definidas três datas para viagem de captação: entre 28 e 31 de março; 30 de maio até dia 02 de junho e de 09 a 11 de agosto. Antes de cada viagem, devido a distância e a estarmos limitados a três viagens para produzir, devido a questões financeiras, era necessário fechar agenda com fontes- todo o contato foi realizado de forma remota, através de conversas no *Whatsapp* e ligações telefônicas.

3º etapa: Pós-produção

Após a captação do material para realização do documentário e da pesquisa realizada para realização do mesmo, entramos na última etapa do trabalho. Aqui priorizamos a escuta, decupagem e sistematização das informações e histórias coletadas - entre 20 de agosto até 15 de setembro. O foco neste período foi em realizar a seleção do que faria parte do documentário e a realização do roteiro.

O roteiro foi planejado com base nas pesquisas teóricas, levantamentos de dados e principalmente, nas entrevistas e observações realizadas no trabalho em campo, durante as visitas para gravação na TI Xapecó. Aqui entendemos que o processo técnico da constituição de um roteiro para documentário não é um processo fechado - o mesmo foi iniciado logo após a pré-apuração e foi alterado inúmeras vezes até o produto final entregue como Trabalho de Conclusão de Curso. Quando pensamos o roteiro como um processo adaptável, consideramos os apontamentos de Field (2001,), que aponta que o processo da escrita do roteiro não é de um dia ou de um mês, mas diário “O que se escreve hoje está defasado no dia seguinte. E o que se escreve amanhã será antigo depois de amanhã. E o que se escreve depois de amanhã estará superado um dia depois”, explica o roteirista. Assim, a cada coleta de informações o roteiro sofreu alterações.

Com a realização destas etapas, o próximo passo realizado, no final de setembro, foi o corte das entrevistas e a seleção das imagens de apoio e da trilha sonora para o documentário. A decupagem guiou a realização dos cortes, visto que a mesma foi feita com etiquetas, pensando em agilizar o processo de escolha dos trechos.

Para o desenvolvimento do documentário, realizado no começo de outubro, foram consideradas, além de debatidos ao longo do percurso deste trabalho, as características jornalísticas apontadas por Groth: atualidade, universalidade e periodicidade, essenciais no jornalismo. Essas características são partes que se relacionam “sempre como características” de um todo, que reúnem em si mesmas um “sentido” (Groth, 2011. p. 144). Através desta relação, o documentário se posiciona como um produto jornalístico e cultural.

Para o autor, a obra é criada com objetivo de sentido, que “encaixa os elementos, ele é o gancho que liga as características, que determina a sua forma e a sua posição em relação umas às outras” (Groth, 2011. p. 143). O sentido, de acordo com ele, só é possível de ser alcançado através da relação entre essas características.

Assim, buscamos metodologicamente dialogar teoria e prática jornalística na construção de um documentário audiovisual, com ênfase nas técnicas jornalísticas necessárias para desenvolver um produto que possibilita registrar as práticas culturais dos Kaingangs no uso de ervas medicinais em uma pequena região no interior de Santa Catarina.

8. DOCUMENTANDO FATOS

O documentário surge no contexto histórico evolutivo da imprensa e do cinema. De acordo com Xavier (2011), o documentário nasce e tem aspectos da cinematografia, com a possibilidade de registrar imagens em movimento - sendo uma nova perspectiva de como olhar e representar acontecimentos cotidianos. Zandonade e Fagundes (2003), assim como Lage (2002) e Xavier (2011) apontam que as primeiras evidências do documentário enquanto gênero cinematográfico retomam ao antropólogo norte americano Robert Flaherty, que registrou a vida e costumes dos esquimós do norte do Canadá entre 1912 a 1919. O trabalho de registro de Flaherty ao longo de sete anos culminou no lançamento, em 1922, do documentário *Nanook, o esquimó*[15].

Ramos (2008) explica que o termo documentário é abrangente, e que este pode ser feito para retratar pessoas ou coisas - rituais, culturas, tradições. De acordo com o autor, o que caracteriza o documentário é a narrativa composta por "vozes diversas que falam do mundo, ou de si" (Ramos, 2008. p. 24) - e que é

> "uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de *asserções* sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. (Ramos, 2008. p. 22)."

Mesmo não sendo uma vertente própria da produção jornalística, o documentário e o jornalismo se cruzam. Em partes, eles se assemelham, mas o documentário possui características próprias que possibilitam diferenciá-lo.

Zandonade e Fagundes (2003) apresentam que o documentário pode ser dividido em: modelo clássico, utilizado no início do século XX, com a escola britânica de John Grierson, baseada em ilustrações e narrações construídas com finalidades, na maioria das vezes, institucionais; já o modelo moderno busca uma interação com o público-alvo, de modo a despertar o senso crítico e permitir interpretações variadas, de acordo com a realidade de cada espectador.

A proposta e desafio de despertar o senso crítico é o sentido que a obra busca. Groth (2011) lembra que uma obra é produzida com o objetivo de atingir um

[15]Disponível em: https://watch.plex.tv/pt/movie/nanook-of-the-north?autoplay=1&utm_source=google-catalog&utm_content=5d776827961905001eb91336&utm_medium=deeplink

sentido, senão não justifica sua produção. O mesmo viés apontado pelo autor é válido tanto para o jornalismo televisivo quanto para o documentário jornalístico audiovisual.

O formato para o desenvolvimento do produto - áudio, audiovisual, textual, fotográfico, infográfico - as fontes selecionadas, a estrutura narrativa e a montagem da peça jornalística, seja para televisão ou para o documentário, são pensadas com a finalidade de contemplar essa busca. As características centrais na produção jornalística também são escolhidas com o objetivo de alcançar o sentido planejado pelo autor da obra.

Groth (2011, p. 143) aponta que, sem as características, o sentido "fica vazio, ele esquiva-se do conhecimento do seu conteúdo e do seu significado e não nos diz nada". O autor também indica que ao investigar o jornal, a primeira característica que percebemos é a periodicidade e

> "Ao infiltrarmo-nos no conteúdo dos objetos, nós reconhecemos as características da universalidade e a nela contida atualidade, e por fim identificamos a qualidade da publicidade, que nos dá a direção, o objetivo da obra e com isso nos conduz ao seu sentido. (Groth, 2011. p. 144)."

Para entender melhor cada uma e como elas se encaixam no documentário jornalístico, precisamos analisar as definições trabalhadas por Groth no livro *O Poder Cultural Desconhecido.* É preciso lembrar que a análise do autor é centrada em jornais impressos e revistas - aqui tentamos adaptá-las e articulá-las com o documentário jornalístico e o telejornalismo, dialogando com Melo, Gomes e Morais (2000) . Busca-se, então, reinterpretar a obra olhando o jornal impresso na perspectiva do telejornalismo, considerando que ambos são produzidos e veiculados diariamente; e o documentário a revista devido ao tempo de produção ser maior, sabendo que a revista tem uma sucessão de edições e o documentário não necessariamente.

A periodicidade, elencada por ele como a primeira característica a ser identificada, é exposta, na definição jornalística, como período de tempo sucessivo de publicação, que o jornal é impresso ou entregue. Mas, de acordo com o mesmo, esse processo ocorre, efetivamente, no momento que a obra é pensada e idealizada pelo autor (Groth, 2011).

Groth explica que o contato diário do consumidor com o jornal cria um vínculo entre ambos, um costume. As pessoas precisam se informar diariamente “é uma característica natural do ser humano”, (Groth, 2011. p. 161) e a produção “diária baseia-se nas necessidades vitais das pessoas.”, sendo função do jornalismo mediar o que é relevante (Groth, 2011. p. 157). Essa necessidade faz com que produções telejornalísticas se concentrem no imediatismo, sem tempo e espaço para noticiar um conteúdo mais detalhado. Nesse sentido, o documentário jornalístico surge como um momento e espaço possível de aprofundamento de pautas relacionadas a notícias diárias.

O segundo conceito, a universalidade, é definida como “*generalidade mundial”* (Groth, 2011. p. 179). Concentra-se naquilo que é de interesse geral. Assim, entende-se que o telejornalismo, além de ser focado na periodicidade e no imediatismo, também considera a abrangência do conteúdo a ser noticiado. Para além, ele também é produzido seguindo a terceira característica: a atualidade.

> “O jornal é um mediador de tudo o que é digno de saber dos mundos diante de todos, contanto que seja “universal”’, tem que ser “universal”. O mais importante nestes mundos diante de si é o presente e em especial o presente momentâneo de cada um , contando que este seja em primeiro lugar “atual”, tem que ser neste sentido “altamente atual”. O jornal vê o seu universal necessariamente na perspectiva do presente, o seu universal se forma e colore-se na escolha, na concepção e no tratamento do material atual. A atualidade é sempre procurada e preferida por ele, mas, mais do que isso, ele sempre aspira pela sua universalidade, que ele também é levado a cumprir por sua natureza, assim como também aspira pela maior atualidade possível.” (Groth, 2011. p. 177).”

A partir das características apresentadas por Groth (2011), percebe-se que o telejornalismo é produzido diariamente seguindo as necessidades informativas de forma mais abrangente possível. Desta forma, nota-se que temas relevantes e específicos acabam não sendo abordados neste meio.

Outros estudiosos do meio jornalístico audiovisual também apontam que o tempo para a produção é um dos diferenciais entre telejornalismo e documentário jornalístico, mas que este não é o único elemento que difere das produções.

Melo, Gomes e Morais (2000) consideram o tempo do processo produtivo como um diferenciador entre a produção audiovisual televisiva para o documentário. Entende-se, assim, que no documentário há um tempo maior para apuração, realização das entrevistas e execução da edição, sem a necessidade de uma divulgação imediata.

Já Spinelli (2012) avalia que um dos elementos de diferenciação é a presença do repórter no produto final. Aqui é pensando na figura do jornalista, uma vez que o mesmo aparece, com ou sem imagem, com voz nas produções audiovisuais televisivas - fator não obrigatório na produção do documentário (Zandonade; Fagundes 2003).

Outro aspecto que ajuda a caracterizar o documentário é o enquadramento feito no produto audiovisual. Enquanto no documentário há possibilidades de se aprofundar na pauta, na reportagem para TV o guia para a produção é a informação - produzida linearmente tendo objetividade e imparcialidade como característica (Spinelli, 2012).

Zandonade e Fagundes (2003) apresentam alguns modelos que podem ser utilizados para a elaboração de documentários. O modelo expositivo é caracterizado com pouca ou nenhuma intervenção do produtor, sendo um formato sem comentários e sem delimitação de expressão; no cultural, o foco é o indivíduo, sua personalidade ou região.

Para além de uma forma de registrar, Zandonade e Fagundes (2003) afirmam que o documentário impulsiona o desenvolvimento cultural e destacam o papel do mesmo enquanto um formador de opinião crítica individual. Mas para isso, mais uma vez, é preciso entender a posição do documentário no aspecto social. Melo; Gomes; Morais (2000) discutem a interligação do cinema com fatos históricos: aqui, um filme pode ter personagens, figuras, marcos históricos, mas isso não significa que o mesmo seja um documentário.

> “Na medida em que se propõe a estabelecer asserções sobre o mundo histórico, o documentário estará lidando diretamente com a reconstituição e a interpretação de um fato que, no passado, teve a intensidade *presente*. A reconstituição, ou interpretação, poderá ser valorada positiva ou negativamente. A noção de *verdade*, muitas vezes, se aproxima de algo que definimos como *interpretação.* (Ramos, 2008. p. 31/32).”

O profissional produtor do documentário pode escolher diferentes abordagens para relatar um determinado fato. Por isso, quando o mesmo é assistido,é necessário considerar a época em que o mesmo foi produzido, uma vez que “a dimensão histórica que incide sobre a própria posição do sujeito que enuncia, flexionando a universalidade e atemporalidade das asserções.” (Ramos, 2008. p. 34). E, assim, percebe-se que no documentário, a narrativa é fator de diferenciação.

8.1. ALÉM DA IMAGEM: A IMPORTÂNCIA NARRATIVA NA CONSTRUÇÃO DO DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO

O que caracteriza a narrativa jornalística é a objetividade e a imparcialidade, fatores não empregados no documentário. Lage (2002, p. 37) aponta que a linguagem jornalística deve se centrar no coloquial, pois a mesma "É mais acessível para as pessoas de pouca escolaridade e, mesmo para as que estudaram ou lidam constantemente com a linguagem formal, permite mais rápida fruição e maior expressividade.", independente se a produção é para telejornalismo ou para documentário.

Discussões apontam que a presença do ponto de vista, opinião, discussões do autor da obra é um diferencial narrativo entre o documentário jornalístico e outros gêneros. Segundo Melo; Gomes; Morais (2001. p. 5) "Esse privilégio não é concedido ao repórter sob pena de ser considerado parcial, tendencioso e, em última instância, de manipular a notícia."

Para além disso, na narrativa de documentário, de acordo com Melo; Gomes; Morais (2000), os registros históricos são fragmentos da realidade que se constituirão em documentário, conforme a narração, que deve dar unidade ao que está sendo contado.

> "O momento essencial da interpretação jornalística é aquele em que se isola da realidade algo visto como um fato, redigindo-o no formato de texto jornalístico. Esse isolamento se caracteriza pela necessidade de transportar o fato de seu ambiente (a realidade imediata) para outro completamente novo (a realidade mediatizada), fazendo com que o público tome conhecimento e deseje saber, ainda mais, sobre uma realidade que, não necessariamente, é a sua. Deve-se considerar portanto que, ao captar essa realidade mediatizada, o público estará recebendo uma informação que já passou por uma gama de filtros: o próprio olhar do jornalista, as escolhas lingüísticas feitas e, até mesmo, as características intrínsecas de determinados gêneros jornalísticos. (Melo; Isaltina; Morais. 1999. p. 4)."

Penafria (2001, p. 2) destaca que a narrativa precisa ter uma ideia a ser transmitida pelo produtor e com isso o mesmo precisa "saber contar uma história; organizar a estrutura dramática em cenas e sequências, que se sucedem de modo lógico." Mesmo sendo uma organização básica, a forma de narrar um documentário tem particularidades diferentes da produção audiovisual para TV.

> "Podemos, igualmente, destacar como próprios à narrativa documentária: presença de locução (voz *over*), presença de entrevistas ou depoimentos, utilização de imagens de arquivo [...] Procedimentos como câmera na mão,

> imagem tremida, improvisação, utilização de roteiros abertos, ênfase na indeterminação da tomada pertencem ao campo estilístico do *documentário*, embora não exclusivamente. (Ramos, 2008. p. 25)."

No apontamento de Ramos (2008) citado acima entende-se que a narrativa do documentário não é exclusivamente o texto jornalístico. Como destacado pelo autor, a utilização de entrevistas, a participação efetiva do jornalista, uso de documentos e imagens de arquivos torna a narrativa jornalística própria.

A seleção de fontes para contar a história também é um elemento que permite analisar a narrativa característica do documentário jornalístico. Em pesquisa sobre o tema, Xavier (2011) discute que a centralidade das fontes no telejornalismo são as oficiais e que no documentário a

> "a particularidade que apresentamos até aqui está na presença dessas vozes menos comuns, que praticamente não têm espaço no noticiário televisivo diário e estão fora da rotina produtiva das notícias. As fontes não oficiais estão presentes nos jornais e telejornais como testemunhas oculares ou envolvidas diretamente com o evento. As histórias simples, sem sofisticação, estão relacionadas com os sujeitos que podem ser chamados de fontes não oficiais. (Xavier, 2011. p. 345)."

Desta forma, De Melo; Isaltina e Morais (2001. p. 6) apontam que na narrativa do documentário está diretamente ligada a capacidade de contar uma história de forma sistematizada, considerando que os fatos que culminaram em tal são distintos e ligando o tempo/espaço dos acontecimentos de forma que fique claro para quem assiste.

8.2. A CULTURA DA MEDICINA ALTERNATIVA NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ

Como se sabe, os indígenas são os povos originários desta terra compreendida como Brasil. É impossível falar da história do país sem falar dos mesmos e dos processos de colonização e da cultura dos povos indígenas.

Os Kaingangs ocupam a parcela do território braisleiro compreendida como Brasil meridional, que se estende do Rio Grande do Sul, passando por Santa Catarina, Paraná até o estado de São Paulo, sendo mais de 25 mil indivíduos divididos em 32 territórios nos quatro Estados (Santos, 2023). É preciso lembrar que cada uma possui suas próprias características, visto que as dinâmicas sociais, culturais e econômicas são únicas de cada território.

> “Em alguns lugares, são muitos os falantes da língua materna, em outros, há uma predominância de falantes do português. O mesmo pode ser visto em relação à paisagem, sua área de mata nativa e as estratégias de sustento dos núcleos domésticos: em alguns lugares prevalecem regiões preservadas e onde se pode exercer atividades de caça, agricultura e coleta, enquanto em outras, a paisagem é tomada por plantações monocultoras de soja ou milho, onde predominam atividades de empreendedorismo agrícola e trabalhos assalariados fora da TI. (Santos, 2023. p. 8).”

A Terra Indigena Xapecó - local onde foi realizado este trabalho - está situada no oeste do estado de Santa Catarina, e abriga a maior comunidade indigena do Sul do país, em número de habitantes. A TI fica localizada nas áreas das cidades de Ipuaçu e Entre Rios, com processo de homologação iniciado em 1926 e com as terras homologadas em 1991.

Almeida e Nötzold (2011) trazem a perspectiva histórica da jurisdição da TI Xapecó. De forma resumida, entre 1902 a 1916 a Terra Indígena Xapecó estava na jurisdição do Paraná e, com a divisão de limites entre territórios catarinenses e paranaenses, devido a Guerra do Contestado. De 1916 a 1940, as competências jurídicas quanto a TI Xapecó foram atribuídas a Santa Catarina. Já de 1940 até 1967, com a criação do Posto Indigena, o órgão responsável pelo território passou a ser Serviço de Proteção aos Índios (SIP).

Ao longo dos anos de luta e resistência dos Kaingangs na região, como relatado pelas fontes no documentário, muito da cultura se perdeu devido ao cercamento pelos brancos ao redor da TI. Entre os desafios, estão a preservação da cultura e dos saberes, como da própria medicina tradicional indígena.

8.3. ENTREVISTAS E ROTEIRO: GUIAS NO PROCESSO DO DOCUMENTÁRIO

Uma das primeiras coisas que aprendemos quando criança é a nos comunicar. Usamos da comunicação com outras pessoas de diferentes formas ao percorrer da vida, e como jornalista, aprendemos a como utilizar desta como uma técnica na nossa profissão. Para realizarmos uma boa entrevista, é preciso ter uma boa comunicação com o entrevistado - processo que ocorre antes da entrevista ser realizada, já no contato com a fonte, o agendamento da entrevista, a explicação do tema e a entrevista em si.

A entrevista é uma das técnicas fundamentais no jornalismo. É através desta que o jornalista, em contato com a fonte, consegue buscar/entender informações e histórias para contar. Para além da obtenção do que se procura, o jornalista deve desenvolver contato e relação com a fonte, com a finalidade de tornar a entrevista proveitosa. Medina (1986, cap. 2, p.8) apresenta a entrevista como “uma técnica de interação social, de interpenetração informativa, quebrando assim isolamentos grupais, individuais, sociais, pode também servir à pluralização de vozes e a distribuição democrática da informação.”

Lage (2017) descreve a entrevista como um “procedimento clássico de apuração de informações em jornalismo. É uma expansão da consulta às fontes, objetivando, geralmente, a coleta de interpretações e a reconstituição de fatos” (Lage, 2017, p. 32)

Com este viés e considerando os apontamentos de Medina (1986), não podemos conduzir a entrevista apenas como uma técnica de trabalho se quisermos nos aproximar da fonte e manter uma relação de diálogo entre ambas as partes.

> “A entrevista pode ser apenas uma eficaz técnica para obter respostas pré-apuradas por um questionário mas certamente não será um braço da comunicação humana sem encarada como uma simples técnica. está - fria nas relações entre entrevistado entrevistador - não atinge os limites possíveis da inter-relação, em outras palavras do diálogo. (Medina, 1986, cap. 1, p.5).”

Assim, com as entrevistas gravadas para o documentário, através das histórias contadas na frente da câmera, é preciso juntá-las e organizá-las de forma que haja sentido no material produzido. Para tal, utilizamos o roteiro como processo fundamental na criação de um documentário.

O roteiro serve não apenas para organizar o que já se tem, mas também para montar a história que será contada no documentário. Field (2001) aponta que é preciso ter um início e um fim. Amarrar as pontas. Por onde começar a história? O autor aponta que os primeiros minutos são cruciais, é onde o telespectador precisa ser situado. Neste trabalho, começamos pela história da Terra Indigena e pelo processo cultural das ervas medicinais. Como falar de uma cultura que ocorre em determinado local sem mencioná-lo? Essa prática com as ervas tradicionais não é exclusiva dos Kaingangs da TI Xapecó, mas nesta localidade, ela se situa de uma

determinada forma, diferente de outros locais - por isso informar já no começo ao espectador onde se passa o documentário.

Seguindo essa lógica de haver determinado um começo e um fim no roteiro, é preciso que haja uma sequência de fatos que se sucedem e dão lógica a essas escolhas. Field (2001) compara o roteiro a um “sistema”, visto que ambos têm partes individuais que são arranjadas para se relacionar e assim formar uma unidade. São ligadas, conectadas por uma ideia. “Um roteiro é como um sistema; consiste de partes específicas relacionadas e unificadas pela ação, personagem e premissa dramática. Nós o medimos, ou avaliamos, em termos de quão bem ele "funciona" ou "não funciona".” (Field, 2001, p. 86).

Ainda de acordo com Field (2001), “A sequência é o esqueleto do roteiro porque ela segura tudo no lugar; você pode literalmente "enfileirar", ou "pendurar", uma série de cenas para criar volumes de ação dramática.” (Field, 2001, p. 87). É através desta organização que buscamos a lógica para contar a história que o produto terá.

9. DELINEAMENTO DO PRODUTO

Título do documentário: CURA ANCESTRAL: DOCUMENTÁRIO JORNALÍSTICO SOBRE A CULTURA DOS MEDICAMENTOS NATURAIS NA TERRA INDÍGENA XAPECÓ - SC

Formato: Documentário audiovisual

Duração: 30 minutos

Veiculação: YouTube (TVCom PG e TVE UEPG - possibilidades)

Público alvo:

1. Interessados em medicina alternativa e natural.
2. Comunidade científica e médica.
3. Estudiosos e defensores da cultura indígena.
4. Estudantes e acadêmicos das áreas de Antropologia, Jornalismo e Ciências da Saúde.

Enquadramento:

Situação atual da cultura de medicamentos feitos por kaingangs da Terra Indígena Xapecó - SC. Considerando a utilização de medicamentos naturais como uma prática milenar indígena, acompanhada dos saberes de como utilizá-los e de como transformá-los em medicamentos - com a perspectiva da transmissão desses saberes sendo a oralidade, o mesmo quase sumiu na região devido a falta de registro e interesse pela cultura ao longo dos últimos anos. Buscamos trabalhar ao longo das entrevistas como está o processo de recuperação desta tradição.

Materiais apuração:

Site IBGE;
Acompanhamento de redes sociais centradas em temas indígenas;
Sites das Prefeituras de Ipuaçu e Entre Rios;
Levantamento bibliográfico;
Ligações telefônicas;
Entrevistas: realizadas em dois momentos:

1º momento: de caráter exploratório. Na primeira viagem para Santa Catarina, no final de março, à procura e em contato com fontes para marcar entrevistas, foram elaborados roteiros como uma base, com intuito de desdobrar a entrevista em diálogos.

A primeira entrevista foi realizada com o senhor Valdevino Belém, na casa do mesmo, em Entre Rios. Valdevino é uma figura conhecida na região por prestar atendimentos como técnico em enfermagem - mesmo aposentado, quando é necessário é chamado, o mesmo ainda presta seus serviços. Valdevino é de família Kaingang, e como relatado pelo mesmo, cresceu cercado pela cultura dos medicamentos naturais, tendo na família pessoas que dominam a prática, como a Pedrolinda e a Sirley. Além do mais, Valdevino trabalhou por cerca de 40 anos na saúde indigena, acompanhando os diferentes processos de transformação dentro da saúde indígena, e relatando como era vista e tratada a medicina tradicional.

A segunda foi realizada com Sirley de Oliveira, que trabalha exclusivamente com o preparo de medicamentos naturais, ao lado do posto na Aldeia Paiol de Barro. Lá, Sirley além de ter um local adequado, equipado com geladeira, armários, destiladores, secadoras, fogão e mais materiais necessários, produz para a comunidade os medicamentos. Ao lado de fora da casa, Sirley cultiva um grande horto com variedade de plantas para preparo dos medicamentos.

Na sequência, a próxima entrevistada do TCC foi a Pedrolinda Pedroso, que também produz. Ao contrário da Sirley, sua irmã, a mesma faz os preparos em casa, tendo um horto próprio e buscando nas matas quando necessário.

De tal forma, ambas relataram terem aprendido com a avó sobre os medicamentos naturais, aprofundando seus conhecimentos com cursos, relacionados com as Freiras Franciscanas, que foram entrevistadas também como forma de entender a atuação das mesmas no local e de como elas atuam nessa questão da medicina tradicional dentro da TI. Na ocasião, concederam a entrevista a Irmã Anita Amélia Sabini e a Irmã Dorilde Terezinha Magri.

No **2º momento** da produção da captação das imagens e gravação das entrevistas, houve maior aprofundamento e uma delimitação mais clara do que seria retratado neste documentário. Desta segunda fase, as entrevistas foram realizadas no dia 30 de maio e 01 de junho. Neste curto período, acompanhamos uma manhã de produção de medicamentos naturais com a Pedrolinda, além de uma longa

conversa com o Cacique Osmar Barbosa. Aqui também foi realizada uma das entrevistas mais importantes, que ajudaram a definir os caminhos tomados no roteiro do documentário, a do professor Getúlio Narsizo, que deu a dimensão histórica e cultural que faltava.

Na última ida para Santa Catarina para produção, de 09 à 11 de agosto, foi acompanhada uma tarde do curso ministrado pela Pedrolinda para mulheres da comunidade que buscam aprender e/ou se atualizar sobre medicina tradicional. Este é realizado em parceria com as Freiras Franciscanas. Também foi realizada entrevista com a Irmã Diva, que explanou melhor a relação das Freiras com as mulheres que produzem medicamentos e o papel das Freiras com as ervas medicinais.

Para compreender a saúde indigena, realizamos conversas via *Whatsapp* com a Secretária da Saúde de Ipuaçu, Raqueli Biasotto - tentamos contato com a de Entre Rios, mas não obtivemos retorno. Como forma de compreender melhor, o enfermeiro Júnior Cunico concedeu entrevista. Junior foi escolhido por trabalhar há mais de 10 anos na Saúde Indigena e por ter sido vereador de Ipuaçu, tendo dimensão da organização das políticas públicas para incentivar a cultura dos medicamentos naturais. Nesta questão da saúde, buscamos o relato de um dentista para entender como na odontologia as ervas podem ser usadas - a Thalia Mocellin foi escolhida por saber da utilização das mesmas - outras dentistas que trabalham na saúde indigena foram procuradas para entrevista, mas as mesmas relataram não ter conhecimento e/ou não utilizar esta prática no atendimento aos indígenas.

Foi preciso compreender também a questão dos agrotóxicos, visto que a região é agrícola, e que este interfere nas ervas medicinais. Para isso, a EPAGRI foi procurada, com depoimento da técnica Dulcineia Cenci, realizado no escritório da EPAGRI em Xanxerê/SC.

Para além das entrevistas, neste processo também foram realizadas imagens de apoio. Visto que o tema do documentário é a cultura dos medicamentos indígenas, era necessário gravar hortos, plantas e algum medicamento sendo produzido. As imagens foram gravadas em consonância com as falas dos entrevistados, buscando formas de mostrar além das palavras o que há na região.

Decupagem: ver apêndice.

Materiais utilizados: filmadoras disponibilizadas pelo curso, assim como tripé e câmera fotográfica. A lapela foi emprestada pelo orientador prof. Dr. Sérgio Luiz Gadini e mic. externo pelo prof. Dr. Rafael Schoennher. Gimball da colega Vittória Mulfait.

Valores investidos até o momento para realização do documentário: em torno de três mil reais - contando idas e voltas e gasolina para gravação.

GCS: os GCS foram feitos e idealizados pelo designer Paulo Henrique Cavagnari - a autora passou a ideia - usar cor verde e uma folha para representar de certa forma as ervas - e o mesmo desenvolveu.

10. ROTEIRO

Roteiro: (sujeito a pequenas alterações)

BLOCO	CORTE	ASSUNTO	TIME / TÉCNICA
	02 - Getulio	História do Brasil e indígenas, explica o contato com os Kaingangs - com ênfase na TI Xapecó. Fala que os "os velhos" trabalharam para recomprar sua própria terra dos brancos.	3"00
	01 - Cacique	Os brancos empurraram os indígenas para lugares bem limitados, isolando-os no meio da sociedade branca. Explica que cultura estava se perdendo, com crianças matriculadas fora da aldeia, sem estudar a própria cultura (resgate nas escolas)	1”09
1	17 - Getúlio	Fala que na escola 99% dos	“48

		professores são indígenas, que estão por meio dela resgatar a cultura - ligação com a alimentação	
	11 - Cacique	Diz que não dá para deixar perder essa sabedoria que foi repassada pelos mais velhos. Que se não trabalhar isso, os filhos não vão entender a própria cultura.	“17
	18 - Getúlio	Indígenas povos ágrafos - oralidade na transmissão do saber - escola entra para formar pequenos agricultores, aprendem a desenhar nome e não a escrever e registar	1“06
	06 - Júnior	Diferença de iniciativa para produção entre Ipuaçu e Entre Rios. Apresenta exemplos do que precisam de ajuda para que haja a produção - fala que essa cultura quase sumiu, que ficou na mão de poucos esse conhecimento.	2"22
	2 - Valdevino	Lembra de que quando trabalhava (como técnico de enfermagem dentro da TI), os indígenas buscavam se tratar em casa com as plantas, iam ao médico quando não melhoravam ou quando a saúde era chamada - fala que explicavam desde aquela época que os indígenas podiam consumir os medicamentos naturais sem problema	“45

	07 - Junior	Fala das Unidades de Saúde dentro da TI e como é a parte do trabalho da saúde realizado pela Prefeitura em conjunto com a SESAI. Explica que o atendimento prestado pela SESAI era para ser nas famílias mas devido ao grande número de casos, a SESAI precisa atuar de outra forma	2”09
	06 - Getulio	Explica que há sabedorias que os velhos não contam, lembra do caso da Amazônia Legal (JUNIOR TEM FALA PARECIDA). Conta que eles transmitem esses saberes para as pessoas da aldeia e para pesquisadores indígenas, mas que não podem ser divulgados.	1"23
	04 - Getulio	Explica que os Kaingangs preferem o natural, a relação com a natureza e a parte da cosmologia.	1"06
2	01 - Sirley	Conta quando e como começou a aprender a fazer os medicamentos naturais e a ligação familiar com a medicina tradicional indigena	1"07
	01 - Olinda 1 dia	Fala que começou a aprender com a avó, que ia junto na mata. Diz que é um dom, conta o processo de ir estudar com as Freiras - que gostava	1"41

		de ir fazer os cursos por gostar dessa prática dos medicamentos	
	02 - Sirley	Fala que é um negócio de família, que aprendeu com a avó, que ia junto na mata. Foi convidada a participar da Pastoral da Criança e essa atuação na parte das ervas	“56
	03 - Junior	Explica que a medicina indigena é para tratar, não para curar. Relata algumas histórias, fala que o SESAI realiza o acompanhamento do consumo e que há pessoas que melhoraram só usando o medicamento natural. Diz que poderia ser mais utilizado, mas que não há ajuda do SUS. Conta dos saberes, principalmente para casos pulmonares. Conta que os próprios profissionais da saúde do SESAI indicam quais indígenas produzem, que alguns esqueceram essa cultura e que ela quase desapareceu em Ipuaçu	2”29
	03 - Olinda 2 dia	Explica que quando produz, é preciso saber antes se a pessoa que encomendou toma algum medicamento químico controlado - pois há casos em que não pode misturar ou muda a concentração da dose feita	"20

	08 - Irma Diva	Aborda a questão dos agrotóxicos em relação às ervas medicinais, explica que houve muito desmatamento na TI Xapecó. Fala que os indígenas identificam pelo ar se o local é próprio para colheitas das plantas para produzir os medicamentos. Indica onde não pode plantar e que não é qualquer lugar que se pode colher as ervas	1"38
	02 - Dulce Epagri	Explica a questão dos agrotóxicos, que a EPAGRI só aconselha em últimos casos a utilizar, que há outras formas de tratar o solo e as plantas, o que acaba impactando diretamente na saúde humana.	1"05
	03 - Sirley	Informa sobre a busca, que as comunidades procuram - mais específico das que ficam em Entre Rios. Diz que as de Ipuaçu também procuram por ser um local próprio para essa produção de medicamentos (já que Ipuaçu nao tem, só com os produtores locais como a Olinda)	"45
	01 - Júnior	Explica o que é a SESAI e como é a atuação dentro das aldeias, a ligação com SUS - fala da divisão em POLOS e como é o Polo Base Ipuaçu e onde	1"02

		atendem.	
	03 - Olinda 1 dia	Fala que em Ipuaçu não há muito incentivo, que o Cacique deveria apoiar mais. Apresenta que há relatos de pessoas que se trataram anos com médico e não melhoraram e que, com o uso das ervas, conseguiram melhorar.	“35
	02 - Junior	Diz que a SESAI não disponibiliza profissionais capacitados que fiquem cuidando da parte da medicina tradicional indigena. Aponta o que é preciso, que antigamente havia uma senhora que fazia e hoje não há quem faça (só quem faz em casa). Fala que em Ipuaçu não há incentivo municipal, que os indígenas dali produzem por conta própria.	1"24
	07 - Irmã Diva	Fala do porque estava se perdendo a cultura. Explica que há vários locais em casa que podem plantar uma erva medicinal para se ter perto. Diz que a influência branca fez com que os indígenas optarem por ir às farmácias pegar o remédio já pronto. Finaliza dizendo que a natura fornece de	1"38

3		graça, só cuidar.	
	05 - Sirley	Fala que os médicos apoiam, incentivam o consumo dos medicamentos naturais receitando os mesmos, diz que os pacientes passam na Casa pegar os remédios (que fica ao lado do postinho da Aldeia Paiol de Barro no Entre Rios)	"36
	10 - Júnior	Comenta que os indígenas estão mais interessados em aprender as práticas da própria cultura, para que a mesma não seja esquecida/perdida.	“29
	01 - Thalia	Relata que eles procuram e preferem na odonto o uso da malva para tratamentos, fala que indicam essa planta também por ser de fácil acesso aos indígenas, que eles se sentem bem e que há melhor aceitação do que os químicos.	1"08
	11 - Junior	Fala que não é dado o devido valor para os medicamentos produzidos pelos indígenas - que dentro dos postos das aldeias não há como entregar os mesmo devido a falta de vigilância. Relata que uma colega com problemas pulmonares melhorou com 3 xaropes feitos pela Sirley depois de anos de tratamento com medicina	“43

		química.	
	05 - Irma Diva	Explica que o curso ministrado pela Olinda, atualmente na Sede (na casa da própria Olinda), foi à procura de mulheres da aldeia. Conta sobre os cursos de antigamente (que a Olinda e a Sirley participaram) e diz que mulheres que já conheciam estão participando, se atualizando com as novas que estão chegando para continuar a tradição.	1"24
	3 - Valdevino	Fala que a cultura indigena não está perdida e que estão buscando resgatar cada vez mais.	"11
	05 - Junior	Apresenta que a medicina tradicional indigena poderia ser mais explorada, pelos próprios indígenas, já que é o saber deles	“47
	08 - Getúlio	Diz que há momentos que ele precisa sentar em casa com os filhos e netos e repassar o conhecimento herdado. “É a garantia da sobrevivência do meu povo e a eternidade do nosso conhecimento.”	"37
			TOTAL: 33"40

Fonte: o autor, 2024.

11. CRONOGRAMA

CRONOGRAMA MARÇO

	01-07	09-14	16-21	23-28
Revisão temática do TCC	X			
Levantamento TCC´s documentários antigos da casa e da UnoChapecó	X			
Definição/enquadramento tema		X		
Revisão literária/fichamentos		X	X	X
Reformulação Pré-Projeto		X	X	
Levantamento de dados			X	X
Seleção de fontes				X
Contatar fontes				X

CRONOGRAMA ABRIL

	30-04	06-11	13-18	20-25
Revisão literária/fichamentos		X	X	
Reformulação Pré-Projeto	X			
Levantamento de dados				
Seleção de fontes				
Contatar fontes				
GRAVAÇÕES EM SC	X			X
Entrevistas	X			X
Decupagem	X			X
Entrega PROJETO REFORMULADO	05/04			
Edição		X		
Pré-roteiro		X	X	

CRONOGRAMA MAIO - DIA 21 ENTREGA QUALIFICAÇÃO

	27-02	04-09	11-16	18-23	25-30
Revisão literária/fichamentos	X	X	X	X	X
Reformulação Pré-Projeto	X	X	X		
Levantamento de dados			X	X	X
Contatar fontes					X
Pré-roteiro	X			X	X

CRONOGRAMA JUNHO - DIA 15 BANCA QUALIFICAÇÃO

	01-06	08-13	15-20	22-27
Revisão literária/fichamentos		X	X	
Levantamento de dados				X
GRAVAÇÕES EM SC	X			
Entrevistas	X			
Decupagem	X	X		
Edição		X	X	
Pré-roteiro			X	X

CRONOGRAMA JULHO

	01-04	08-12	15-19	22-16
Revisão literária/fichamentos			X	
Levantamento de dados	X	X		
GRAVAÇÕES EM SC	X	X		
Decupagem	X			X
Edição			X	X
Roteiro			X	X

CRONOGRAMA AGOSTO

	29-02	05-09	12-16	19-23	26-30
Revisão literária/fichamentos/escrita			X	X	
Levantamento de dados	X	X			
Decupagem		X			
Edição		X	X	X	
Roteiro	X			X	X

CRONOGRAMA SETEMBRO

	02-06	09-13	16-20	23-27
Revisão literária/fichamentos/escrita		X		
Levantamento de dados		X		X
Edição		X	X	X
Roteiro	X	X	X	X

CRONOGRAMA OUTUBRO - FINAL DO MÊS ENTREGA TCC FINAL

	02-06	09-13	16-20	23-31
Revisão literária/fichamentos/escrita	X			
Levantamento de dados				
Edição	X			
Roteiro	X			
Banca final				X

CRONOGRAMA NOVEMBRO

	02-06	09-13	16-20	23-27
Rebanca			X	

12. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo inicial deste trabalho é apresentar a cultura dos medicamentos naturais dos Kaingangs da Terra Indígena Xapecó, em Santa Catarina. Buscou-se através do documentário contemplar a melhor forma de entregar este trabalho sobre este tema. Para tal, foram realizadas entrevistas com pessoas da cidade, com pessoas que produzem, com o Cacique, Freiras - entendendo que estes setores se interligam a fim de manter viva um saber e tradição, em diferentes níveis.

A produção deste demandou uma pré-apuração detalhada, além de processos de organização e gestão para operacionalizar na prática as necessidades vistas para desenvolver este trabalho. O processo metodológico, em consonância entre teoria e prática, orientaram na condução e na construção do produto final.

Por meio deste documentário, dos relatos das fontes e das apurações realizadas, foi possível identificar o processo cultural que está inserida as ervas naturais na TI Xapecó - foi preciso revisitar a questão histórica, entender como está organizada a TI, como é o atendimento na área da saúde e da atuação das Freiras junto à sábias da comunidade que produzem e trabalham com a medicina tradicional indígena. A prática foi quase esquecida, mas segue em processo de recuperação - e nesse trabalho, buscamos registrar esse processo de luta, tendo papel também como uma fonte de reflexão e pensamento crítico sobre o tema.

13. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. S. NÖTZOLD, A. L. V. **A luta pela terra em território Kaingang:** os conflitos na Terra Indígena Xapecó (SC/Brasil) ao longo do século XX. 2011.

BIANCHI, S. **Mato Eles?** [Filme]. Brasil: Vitrine Filmes, 1985.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria Especial de Saúde Indígena. **Portal da Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI).** Disponível em: https://www.gov.br/saude/pt-br/composicao/sesai. Acesso em: 06 out. 2024.

CAPES. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. **Banco de Dados da CAPES**. Disponível em: http://www.capes.gov.br. Acesso em: 06 out. 2024.

DINES, J. **O papel do jornalista.** 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 1986.

ENTRE RIOS. Prefeitura Municipal de Entre Rios. **Portal oficial da Prefeitura de Entre Rios.** Disponível em: https://www.entrerios.sc.gov.br/. Acesso em: 06 out. 2024.

FIELD, S. **Manual do roteiro:** os fundamentos do texto cinematográfico / Syd Field. - Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/247033/mod_resource/content/1/Syd%20Field.pdf
Acesso em: 20 mar. 2024

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Informações sobre Terras Indígenas.** Disponível em: https://www.gov.br/funai/pt-br/assuntos/atuacao/terras-indigenas. Acesso em: 06 out. 2024.

GROTH, O. **O poder cultural:** fundamento da Ciência dos jornais / Otto Groth; tradução de Liriam Sponholz. - Petrópolis, RJ : Vozes, 2011. (Coleção Clássicos da Comunicação Social)

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022*:* Ipuaçu - SC.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ipuacu/pesquisa/23/27652. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE**.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022*:* Entre Rios - SC.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/entre-rios/pesquisa/23/27652. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE**.** Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: População indígena de Ipuaçu - SC.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ipuacu/pesquisa/23/27652. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2022: População indígena de Entre Rios - SC.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/entre-rios/pesquisa/23/27652. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama de Entre Rios - SC.** Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/entre-rios/panorama. Acesso em: 06 out. 2024.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Panorama de Ipuaçu - SC**. Disponível em: https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/ipuacu/panorama. Acesso em: 06 out. 2024.

ÍNDIO CIDADÃO. Direção de Fábio Meira. 2020. Produzido por Ponto de Vista. Disponível em: https://www.indio-cidadao.com/. Acesso em: 06 out. 2024.

IPUAÇU. Prefeitura Municipal de Ipuaçu. **Portal oficial da Prefeitura de Ipuaçu.** Disponível em: https://www.ipuacu.sc.gov.br/. Acesso em: 06 out. 2024.

LAGE, N. **Linguagem Jornalística**. 7º edição: Editora Ática, 2002.

LAGE, N. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística.** 2. ed. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LAGE, N. **Teoria e técnica de reportagem, entrevista e pesquisa jornalística**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2017.

MEDINA, C. - **Entrevista Diálogo possível**. São Paulo: Editora Ática 1986.

MELO, C. T. V.; GOMES, I. M.; MORAIS, W. **O documentário jornalístico, gênero essencialmente autoral.** In: XXIV CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 2001. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/115721212970949489812033638980826643 37.pdf
Acesso em: 11 abr. 2024.

MELO, C. T . V.; ISALTINA, M. A. M.; MORAIS, W. P. O. **documentário como gênero jornalístico televisivo**. In: XXIII CONGRESSO BRASILEIRO DA COMUNICAÇÃO, 2000. Disponível em: http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/e969053bfccdc7be14f5e0a009b95215.pdf
Acesso em: 15 dez. 2023.

NICHOLS, B. **Introdução ao documentário.** Trad. de Kátia E. S. de Araújo. 2. ed. São Paulo: Editora Senac, 2010.

PENAFRIA, M. **O ponto de vista no filme documentário.** Universidade da Beira Interior, 2001. Disponível em: http://www.bocc.ubi.pt/pag/penafria-manuela-ponto-vista-doc.pdf
Acesso em: 12 mar. 2024

RAMOS, F. P.. **Mas afinal… o que é mesmo documentário?** - São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2008.

SANTAELLA, L. **Culturas e artes do pós-humano:** da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003 - 4º edição, 2010.

SANTOS, R. B. **O Sistema Democrático e o Sistema Tradicional:** colonialidade e política entre os Kaingáng da TI Xapecó (SC)**.** 2023. Acesso em: 06 out. 2024

SCIELO. Scientific Electronic Library Online. *SciELO: Biblioteca Científica Eletrônica*. Disponível em: https://www.scielo.org. Acesso em: 06 out. 2024

SOMOS GUARDIÕES. Direção de Edivan Guajajara, Chelsea Greene e Rob Grobman. 2023. Produzido por Mídia Indígena, One Forest, Highly Flammable, Random Good e Appian Way. Disponível em: Netflix. Acesso em: 06 out. 2024..

SPINELLI, E. M. Jornalismo audiovisual: gêneros e formatos na televisão e internet. **Revista Alterjor,** v. 6, n. 2, p. 1-15, 2012. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/alterjor/article/view/88269/91147
Acesso em: 15 dez. 2023

SUMUAMUA. **Plataforma digital de audiovisual indígena**. Disponível em: https://www.sumuamua.com/. Acesso em: 06 out. 2024.

UFSC. **Laboratório de História Indígena.** (n.d.). Acesso em 06 out. 2024.https://labhin.ufsc.br/linha-de-pesquisa/(Labhin)

VEREDAS KAINGANGS. Direção de Ana Carolina G. De Almeida. 2019. Produzido por Em Movimento. Disponível em: https://www.emmovimento.com.br/. Acesso em: 06 out. 2024.

XAVIER, C. ***O documentário como produção jornalística:*** *nos limites da pesquisa experimental em trabalhos de conclusão em jornalismo.* 2011. Tese de doutorado. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo
Disponível em: http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/3048/documentario_como.pdf?sequence=1&isAllowed=y
Acesso em: 06 dez. 2023.

ZANDONADE, V.; FAGUNDES, M. C J. **O vídeo documentário como instrumento de mobilização social**. Monografia (Graduação em Comunicação Social-Habilitação Jornalismo). Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis. Assis, SP, 2003.
Disponível em: https://bocc.ubi.pt/pag/zandonade-vanessa-video-documentario.pdf
Acesso em: 06 dez. 2023.

20 DIAS EM MARIUPOL. Direção de Matthew H. F. Kauffman. 2023. Produzido por National Geographic. Disponível em: https://www.nationalgeographic.com/. Acesso em: 06 out. 2024.

APÊNDICE A - RELATÓRIO ANALITICO

No começo do ano o que seria meu TCC ainda era uma incógnita, um pouco por falta de confiança para desenvolver o trabalho com apenas três viagens, mas com o empurrão necessário dado pelo meu orientador para que o trabalho começasse.

Encontrar as fontes e contatá-las foi um dos primeiros passos. Por sorte, minha mãe ainda é vizinha das Freiras Franciscanas, que passaram diferentes contatos e ajudaram a contatá algumas fontes - acho que é bom lembrar que foram conversadas com inúmeras pessoas para desenvolver este trabalho, muitas que não são mencionadas mas que de certa forma foram necessárias para o desenvolvimento do mesmo. (uma pena essa hora eu não ter feito um caderninho separado com os contatos do TCC, está tudo junto e misturado no mesmo caos).

Delimitando o tema, conversando com as fontes e de certa forma procurando já no início construir um roteiro, eu parti para Ipuaçu no final de março para gravar as primeiras imagens e entrevistas do que entrego agora. Fui com muito medo mas com uma alegria enorme também. Eu amo viajar para contar história, registrar um acontecimento, por isso jornalismo. O TCC me fez sentir viva de novo com a faculdade quase matando de tanta teoria.

Essa primeira ida não sabia direito o que ia encontrar e com o que eu iria voltar de material para Ponta Grossa. Com certeza o celular e o Whatsapp facilitaram muito, mas houve momentos que eu gostaria de estar na região para fazer os contatos, agendar as entrevistas, ter mais tempo de me aprofundar no tema. Até para gravar, ia ser menos caos.

Não posso dizer que foi fácil fazer este documentário, porque realmente não foi. A parte teórica exigiu muitos momentos de frustração, batendo a cabeça para estruturar o projeto, enquanto na parte prática tive que realizar todos os processos sozinha. Essa sobrecarga me fez sentir, em certos momentos, que estava dividida entre o papel de repórter, diretora, cinegrafista e produtora, tudo ao mesmo tempo. Por isso, não consigo dizer que amei minhas imagens, já que meu foco principal estava em me conectar com as fontes, conduzindo as entrevistas com a intenção de deixá-las à vontade para contar suas histórias com autenticidade. Isso acabou deixando a captura de imagem um pouco em segundo plano, resumida ao cuidado com o enquadramento no início das longas, e muitas vezes, gratificantes entrevistas.

Sou muito grata por ter sido recebida com tanto respeito e hospitalidade. Obrigada, fontes, pela disponibilidade e atenção!

Além do desconforto de viajar com uma filmadora e um tripé nas pernas, no ônibus de Ponta Grossa até Pato Branco (ida e volta), e das horas dentro do ônibus, ou de ter que incomodar carona para Deus e o mundo para poder chegar em Ipuaçu e voltar para Pato Branco pegar o ônibus até Ponta Grossa, o maior contratempo aconteceu na minha última ida em agosto. Passei para pegar a câmera com o Jairo e testar o microfone, e por sorte ele insistiu que eu levasse um microfone de mão. Graças a essa insistência, consegui contornar o problema da lapela que me foi emprestada e que acabou falhando durante as filmagens. Além de enquadrar e conduzir a entrevista, também tive que cuidar para que o microfone de mão não aparecesse nas filmagens, já que eu preferia não sobrecarregar as fontes com essa função.

Foram muitos quilômetros de estrada de chão percorridos para fazer esse documentário, incluindo caminhos errados pelo interior e inúmeras histórias incríveis que, infelizmente, tiveram que ficar de fora do corte final. Sempre me interessei por ervas tradicionais, já que cresci consumindo esses remédios caseiros. Mesmo após me mudar para Ponta Grossa, mantive o hábito de trazer xaropes, essências e calmantes sempre que ia visitar Santa Catarina. Talvez esse vínculo pessoal tenha sido um dos motivos pelos quais escolhi este tema: saber da eficácia desses medicamentos, já ter experimentado seus benefícios, e o desejo de que mais pessoas conheçam essa prática cultural, um saber ancestral dos indígenas. É uma relação profunda com a terra e os elementos que ela nos oferece, algo que, como humanidade, ainda não aprendemos a valorizar e cuidar devidamente.

Se eu puder classificar uma situação ao longo do processo do TCC como marcante, foi na minha segunda ida, quando uma das pessoas que estava contatando para compor o documentário, me informou que só participaria diante a pagamento - o que vai totalmente contra minha moral e ética, formada ao longo destes 4 anos de curso e que sei que vai amadurecer ao longo dos anos.

Não vou mentir que entregar esse trabalho foi uma grande luta e uma grande vitória para mim. Nos últimos anos me senti muito travada com tudo no curso e queria fazer como TCC algo que realmente eu gostasse e me interessasse pelo

assunto - e nem com isso foi fácil. Senti muita dificuldade para realizar a parte teórica do projeto, além de achar que a cobrança da mesma, o tamanho, é muito grande, muita coisa para quem faz produto, que além de já ter que realizar todos os processos jornalísticos e entregar um produto em si, também precisa se preocupar em entregar 40 páginas de teoria - mas isso é um ponto pessoal e não dava para sair sem uma pequena reclamação.

Tirando isso, para a entrega do material para a banca de qualificação foi um processo bem sofrido. Estava mais perdida do que qualquer outra coisa, confundindo muito os processos do projeto com o de monografia. Já havia realizado duas gravações na TI Xapecó, mas ainda não sabia ao certo o que fazer e como usar os materiais registrados - achei que a melhor forma era decupar, e foi o que funcionou e me ajudou tanto a construir o roteiro quanto a realizar os cortes necessários para montar o documentário.

Não me preocupei muito com a parte gráfica e com elementos visuais, foquei mais nas entrevistas e nas imagens de apoio. Graças ao Paulo, colega onde faço estágio, temos lindos GCs neste documentário - também se não fosse o Paulo haveria risco do GC ser algo horrível, pois eu iria fazer de última hora sendo uma negação para artes.

É difícil chegar ao final do curso e não poder dizer que desde que comecei jornalismo pensei em entregar um documentário que retrata a prática cultura indígena do consumo de medicamentos produzidos através de elementos provindos da mãe terra. Mais difícil, talvez, seja pensar que até precisar escolher definitivamente o tema do meu TCC, eu sequer havia pensado em fazer um trabalho relacionado com os povos indígenas. Nem cogitado voltar a minha cidade natal para realizar este trabalho com algo já muito conhecido e consumido por minha família.

A Amanda que se inscreveu para jornalismo na UEPG lá em 2020 sequer imaginaria que esses quatro anos passariam voando e que muita coisa iria mudar. Muito pelo contrário. Lá em 2020, a inscrição em jornalismo foi mais um “tá, vamos tentar uma coisa diferente, só para ver né” - para quem tinha claro na cabeça desde os 15 anos (*risos*) que o sonho da vida era ser engenheira, que já estava matriculada para seguir o “sonho”, viu o mundo virar de ponta cabeça quando saiu o

resultado do vestibular da UEPG em 2021. Realmente foi um choque e muito chororô, que fica para outra hora.

Jornalismo não foi uma escolha por outro motivo além de uma grande paixão com os mais variados esportes. Isso não me fez entrar com a cabeça fechada, focada apenas em aprender o que era relevante para o que eu gostava, mas sim me fez olhar para outras possibilidades e fez conhecer áreas que eu não fazia ideia que gostaria. Logo no primeiro ano da graduação percebi que estava ali para aprender, e que o esporte era uma paixão em segundo plano, um passatempo para a cabeça (além da muita dor de cabeça que vem de companhia, às vezes).

Não minto em dizer que até este último ano tinha muitas dúvidas se jornalismo era mesmo a profissão que gostaria de atuar e se foi a escolha certa a ser tomada lá em 2021. Sempre senti que conseguia fazer todo o proposto ao longo do curso, mas nunca me senti realmente boa em algo específico. No primeiro ano, na matéria de fotografia, que era algo que gostaria de explorar mais na prática, infelizmente foi ministrada remotamente devido a pandemia - realmente senti que não aprendi o que gostaria, só ouvindo pela saída de áudio no notebook, sem pegar uma câmera na mão, parecia que o Carlos falava em grego comigo. Uma pena a matéria ser apenas um ano, então entrei no Lente Quente (ainda na pandemia, como bolsista, sem muita certeza do que estava fazendo ali), que foi onde me deu a oportunidade de aprender na prática, acertando e errando, ouvindo a opinião dos outros e buscando aprender com quem sabia mais. Mas como eu falei, eu sei fazer, eu sei me virar, mas a fotografia não é meu maior ponto forte (talvez até o mais fraco).

Para entender o porquê do documentário é preciso seguir a história e voltar de novo no tempo, para as matérias de Áudios I e II. Antes disso, é bom saber que eu sempre fui muito falante e venho de uma família que gosta muito de falar, e que escuta rádio o dia inteiro. Pensei que estes dois motivos me fariam gostar da parte do rádio, e eu realmente gostei, mas não da parte que pensava, que era a locução. Em Áudios II a turma pode experimentar na prática com o professor Rafael a trabalhar em equipe, em uma equipe de rádio - e aí eu me encantei pela parte da produção, que se eu pudesse faria em todos os programas se não fosse pela rotatividade necessária. Ali pude aprender na prática, na correria - feita pelo Rafael -

a como organizar um programa das 8h30 para entregar fechado às 10h, assim como pude aprender que ter uma equipe organizada, unida e com vontade é fundamental, a ver cada um como a colaboração é necessária e que em situações complicadas, que fogem do planejado, precisam ser solucionadas (de preferência com calma e tranquilidade) e que isso não é o fim do mundo, precisamos saber lidar com a diversidade das situações e contorná-las. Dito tudo isso, ainda faltava algo na matéria de áudios e eu sabia exatamente o que era: imagem.

Não minto quando digo que ficava ansiosa para ter Audiovisual, matéria que foi atrasada um ano por falta de professores, depois de ter experiências tão boas na parte da produção de áudios. Audiovisual I com a Prof. Paula foi loucura, em todos os sentidos possíveis que um estudante do último ano da graduação pode atribuir ao termo, mas foi divertido. Também não dá para mentir que quando soube que era a Cintia que iria assumir Audiovisual II, eu pensei que o caos ia reinar. Pelo contrário, se eu escolhi fazer um documentário, em grande parte, é por causa da Cintia. Uma pena que a matéria só durou um semestre, bem intenso por se dizer, mas muito enriquecedor. Acho que só o cara lá de cima sabe o sabor da alegria que sentia em ter que produzir e entregar material para Cintia, em um ano que estava bem desmotivada com o curso, era uma das poucas matérias que me motivaram. Cintia, se você ler isso saiba que sempre vou levar no meu coração a lembrança de sair às 18h30 da UEPG, ir na Prefeitura gravar uma passagem, encontrar a Prefeita e conseguir uma exclusiva com ela, depois de não ter uma resposta de ninguém com menos de 24h para te entregar o material. É esse gostinho de querer mais que eu quero ter. É esse gostinho que eu consegui sentir realizando esse documentário. Não sei se é a saída a campo, o contato com as pessoas para realizar o trabalho, a organização e o planejamento necessário, o novo a ser descoberto ou a junção de todos - mas sei que entrego o trabalho com essa sensação: de dever realizado e com vontade de fazer mais, buscar mais, contar mais histórias, por meio do audiovisual.

Para fechar nesta lista infinita de matérias, não poderia esquecer de Crítica de Mídia e de Seminários, ambas ministradas pelo professor Ben Hur. Ambas influenciaram no meu consumo de conteúdo, principalmente de documentários. Assistir e discutir com a turma e com o professor, com olhar crítico para as obras, tanto na parte de conteúdo quanto na da produção, foram essenciais. Não nego que

sempre assisti e preferi mais filmes, mas neste último ano meus olhos se abriram para esta área. E não tem como fazer documentário sem assistir documentário. Não tem como fazer podcast sem ouvir podcast - e é por isso que eu não fiz podcast, porque me falta a imagem - para mim, Amanda, autora deste documentário, a imagem é essencial, acho que não há palavras para descrever ou ambientar certos lugares e circunstâncias.

Para fechar bem fechado, eu gosto de olhar para trás e ver como todo esse processo, esses quatro anos morando longe da minha família, tendo que ser dona de casa, estudante e bolsista mudaram completamente a Amanda que ainda morava com a mãe no interior. Que bom que mudei. Meu medo era entrar e sair igual entrei.

Bem, aos que leram até aqui, desculpe o blá blá blá e espero que aproveite o documentário!

APÊNDICE B - ROTEIROS ENTREVISTAS

- Entrevista Junior Cunico: enfermeiro, atua no SESAI e ex-vereador

1. Para começar, pode se apresentar: nome, idade, formação, onde trabalha hoje e com o que.
2. Junior, você pode explicar o que é o SESAI, onde atua, como está organizado e dividido (abrange Entre Rios e Ipuaçu, como que é)? Se tem alguma ligação e/ou trabalho conjunto com as Prefeituras?
3. Ainda falando do SESAI, há algum incentivo com práticas integradoras da medicina tradicional indigena? Ou esse tema é trabalhado/abordado com os profissionais que atuam na SESAI?
4. Como que é, qual desafio e quais coisas boas se tem de trabalhar com os indígenas, donos de uma cultura/sabedoria sobre medicinais naturais? Como os profissionais de saúde não indígenas podem ser preparados para respeitar e colaborar com as práticas tradicionais indígenas?
5. O que falta para essa medicina estar presente nas UNIDADES BÁSICAS DE SAÚDE dos municípios? Quais os desafios que elas promovem na parte prática e teórica?
6. Como você vê a integração entre a medicina ocidental e as práticas tradicionais indígenas? Há um equilíbrio saudável ou ainda há resistência de ambos os lados?
7. Em sua experiência, quais são os principais benefícios das medicinas tradicionais indígenas que poderiam ser mais valorizados e incorporados no sistema de saúde nacional?
8. Como que tu enxergas, como ex-vereador e como profissional da área de saúde, as políticas públicas municipais para integrar esse saber? Há incentivo ou não há? Você vê que essa sabedoria pode estar se perdendo? Você acredita que as políticas públicas atuais são suficientes para apoiar a preservação e valorização das práticas tradicionais de saúde indígenas? O que poderia ser melhorado?
9. São 7 UBS (4 em Ipuaçu e 3 no Entre Rios) para atender mais de 6 mil indígenas que estão situados em 16 aldeias? É o suficiente? Como você enxerga nessa parte a saúde indígena? Como as lideranças indígenas têm colaborado no processo de tratamento de saúde dentro das comunidades?
10. Quando a gente fala de plantas medicinais, você viu isso durante sua graduação ou em algum momento trabalhando dentro da TI ou do município, houve algum curso sobre? Como proteger essa sabedoria para que ela não se perca? Quais aspectos de sua formação e experiência como vereador influenciam sua prática atual na saúde indígena?
11. Tem algum trabalho que é realizado junto com indígenas produtores de medicamentos naturais? Conversei com a EPAGRI e eles auxiliam e ensinam a parte de cultivo, secagem… e vocês da área da saúde auxiliam na parte de preparo ou de ensinar propriedades de cada planta?

12. Pode relatar uma experiência pessoal marcante que envolve o uso de medicina tradicional em uma comunidade indígena, e como essa experiência moldou sua visão sobre saúde?
13. Qual foi o impacto mais significativo que você testemunhou nas comunidades em que trabalhou, resultado da integração de práticas de saúde indígenas e ocidentais

- Epagri: informações Marcelo Henrique Bassani: Gestor/Gerente Regional

Para começar:
- O que é a EPAGRI?
- Onde ela atua?
- Como ela está organizada no cenário regional? Mais especificamente em Ipuaçu e Entre Rios (onde fica localizada a TI Xapecó)

Coordenação estadual da EPAGRI que atua junto aos povos indígenas: em Chapecó, trabalho realizado pela Josefina (PROCURAR)

Quem é essa coordenação? Onde ela está? Quais trabalhos são realizados junto aos indígenas? E como é o trabalho realizado com os indígenas da TI Xapecó? Nesse trabalho da coordenação com os povos indígenas, é realizado trabalhos sobre as ervas medicinais (como cuidá-las, como plantá-las, onde, melhor época… o que é ensinado/transmitido para os indígenas nessa questão?)?

Em Ipuaçu o trabalho com os indígenas, por parte da EPAGRI, era realizado com a Elvina, desde que ela se aposentou não foi contratado/remanejado outro funcionário para prosseguir com o trabalho - ela saiu em 2016/17

Confirmar data, ver de quando até quando este trabalho foi realizado na TI, o que era feito, o que era feito em relação às ervas/plantas medicinais

Sem atuação específica do tema na TI Xapecó.

Mesmo sem atuação específica dentro da TI Xapecó, a EPAGRI ainda realiza algum trabalho com os indígenas relacionado às plantas medicinais? Desde que a Elvina saiu, como vocês dão prosseguimento ao trabalho realizado por ela junto aos povos indígenas? Qual a dificuldade de realizar e manter um trabalho sobre plantas/ervas medicinais dentro da TI Xapecó? Há alguma ideia de trabalho a ser realizada sobre esse tema futuramente?
O saber indígenas sobre as ervas/plantas e suas propriedades curativas é milenar e é necessário um trabalho para que esta cultura, este saber não se perca - como você vê e entende a atuação da EPAGRI nesse sentido de preservar essa tradição/saber? Quais os maiores desafios e dificuldades?

<u>Imagens de apoio:</u>

- Fachada EPAGRI
- Logo da EPAGRI
- Dulce mexendo no computador

- - Curso Olinda:

Vamos começar falando sobre o que vamos acompanhar hoje, que medicamentos você vai fazer, de onde e quando você pegou as plantas necessárias.

CLOSE NOS INGREDIENTES / DETALHES DAS PLANTAS E ERVAS UTILIZADAS.

1. A gente conversou já no outro dia, mas queria que tu explicasse de novo de onde tu coletou os ingredientes para preparação, como que escolhe, onde que acha…

   JÁ FOI GRAVADO NA OUTRA VEZ COM ELA NO HORTO EXPLICANDO O QUE É CADA UM E SUA FINALIDADE

2. Depois da coleta, qual é o próximo passo? Como você prepara as plantas antes de transformá-las em medicamentos?
3. Você utiliza métodos tradicionais, modernos ou os dois na preparação dos ingredientes? E quais são eles?
4. Pode nos guiar pelo processo de produção? Quais são as etapas principais até o produto final?

GRAVAR OS PROCESSOS DE PRODUÇÃO / EXPLICAÇÃO

5. Quais equipamentos e ferramentas você utiliza? Pode nos mostrar como eles funcionam?

GRAVAR OS EQUIPAMENTOS USADOS E EXPLICAÇÃO DELES

6. Quais são os cuidados necessários durante a produção? Como você garante a qualidade e a eficácia dos remédios?
7. Você realiza algum tipo de teste para garantir a qualidade dos seus produtos? Como são esses testes?
8. Você busca retorno dos usuários dos seus remédios (para saber se funcionou/ajudou)? Pode compartilhar alguma história?

VER SE TEM ALGUÉM QUE ELA PODE FALAR QUE COMPRA

9. Como é feita a embalagem e a rotulagem dos produtos? Que informações você considera essenciais para incluir? Onde você compra as embalagens? Tem alguma especifica para usar?

IMAGEM EMBALANDO E FAZENDO/ COLOCANDO O RÓTULO

10. Onde e como seus produtos são comercializados? Você pode nos explicar o processo de distribuição?

VER SE VAI ENTREGAR PARA ALGUÉM E SE DÁ PARA IR JUNTO

11. Como você aprendeu a produzir esses remédios? Está ensinando outras pessoas? Como vê o futuro dessa tradição?

ENQUANTO ELA FAZ IR CONVERSANDO E GRAVANDO ELA FAZENDO E CONTANDO

12. Quais são os principais desafios que você enfrenta nessa área? E quais oportunidades você vê para o crescimento da produção de remédios naturais?

GRAVAR MEDICAMENTO FINAL, PRONTO PARA DISTRIBUIÇÃO (*JÁ TEM IMAGEM DA OUTRA VEZ MAS NÃO CUSTA FAZER MAIS*)

- Secretária da Saúde Ipuaçu: Raqueli Biasotto: 49 998258942

1. Qual o tamanho e capacidade de cada posto de saúde.
2. Quantas pessoas estão registradas em cada posto - quantas delas são indígenas
3. Qual a relação da Secretaria de Saúde com a Sesai? Como é o trabalho - em conjunto? - dentro da Terra Indígena?
4. Nas aldeias em que não há unidade de saúde, é realizado algum programa semanal/mensal para que as pessoas destas aldeias sejam atendidas perto de casa?
5. Como é realizado o acompanhamento/atendimento com indígenas que não conseguem ir até o posto consultar?
6. É dada alguma orientação (curso, especialização) para capacitar os profissionais que atuam nas aldeias? Considerando a relação ao uso de medicamentos naturais - Como, por exemplo, receitar ou “proibir”? Como é essa interação entre a medicina indigena e a medicina química?
7. Na parte da saúde, há alguma política ou programa para preservar esse conhecimento? É incentivado a prática com medicamentos naturais? Exemplo: cursos - ou então há incentivo com produtores de remédios naturais da TI?
8. Como integrar os conhecimentos e práticas tradicionais nas políticas públicas de saúde?
9. Como a Secretaria avalia o impacto - se há - dos medicamentos naturais na saúde das comunidades indígenas? Há dados ou estudos?

- Roteiro de perguntas SIRLEY e OLINDA= Irmãs

Nome completo:
Idade:
Formação:
Quanto tempo mora aqui?
Quanto tempo começou a produzir remédios? E como começou a fazer? Como aprendeu?
Qual o motivo de se dedicar a isso? Tem ligação familiar?
Quais são as ervas mais usadas e quais as funções delas? Como são feitos os medicamentos?
Como você sabe quando uma erva, uma planta é boa para produção de remédio? Como distinguir se é venenosa?
Quais são os medicamentos mais procurados?
Tem muita gente que compra os remédios? Como é a procura? As pessoas acreditam no poder de cura?
Sabe contar quando e como começou a venda dos remédios aqui na região? E como é a comercialização hoje em dia?
As Freiras atuam junto na produção? Qual a ligação com as Freiras?
Tem alguém que te ajuda na produção? Os homens também produzem?
A Prefeitura apoia a produção? Tem algum incentivo do poder público?

APÊNDICE C - DOCUMENTÁRIO

Link Drive: https://drive.google.com/drive/folders/1L9B4GLmRv1HAZ5J_BsFJEOiKJBNWtyOu?usp=sharing

APÊNDICE D - DECUPAGEM

Link Drive: https://drive.google.com/drive/folders/1yeYTiMM2_-TVr7g2j-qEVa2wSlfUgtL6?usp=sharing

APÊNDICE E - CORTES

Link Drive: https://drive.google.com/drive/folders/1yea9n9u_Avvp1a_ViuuvyCA3DvKVDJ04?usp=drive_link

APÊNDICE F - TERMOS DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE VOZ E IMAGEM

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Valdirene de O. Belan, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS, autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bononi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 28 de março de 2024.

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Sirley de Oliveira, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 28 de março de 2024.

Sirley de Oliveira
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Rodrolinda de O. Pedroso, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonini Jal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 01 de junho de 2024.

Rodrolinda de O. Pedroso
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Anita Amélia Scolaini, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bruzzi Dal'Rosso (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 31 de março de 2019.

Anita A. Scolaini
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Dorilde Terezinha Magri, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonazzi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 31 de março de 2021.

DTM

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Pedrolinda de O. Pedroso, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bassoni Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Pedrolinda de O. Pedroso
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Amanda Bonfim Barbosa, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonfim Barbosa (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 30 de maio de 2024.

Amanda Barbosa
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Gabriela Norsiza, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonsoni Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 01 de junho de 2024.

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ivan Luiz Branco Lima, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bassoni Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Sulcineia Lenci, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bassani Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 08 de agosto de 2024.

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ilaiá M. Medellin, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS, autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonani Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 11 de agosto de 2024.

Ilaiá M. Medellin
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Diva Nascimento Barbosa, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS, autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bossoni Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 11 de agosto de 2024.

Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Elisandra Pedroso dos Santos, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Zanoni Ziel' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Elisandra P. S.
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Adriana B. Prezotto, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS, autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dall'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Adriana B. Prezotto
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Indiamara Lima Pedroso, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Indiamara L.P
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Maria Noblin, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Maria Noblin
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Janaina dos Santos, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Janaina dos Santos
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Joseni Ina Pedroso, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bassani Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Joseni Ina Pedroso
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ivanna S. Pedroso, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS, autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Bonomi Dal' Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Ivanna S. Pedroso
Autorizante

Anexo XV do Regulamento do Trabalho de Conclusão de Curso - TCC do Curso de Bacharelado em Jornalismo

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
CURSO DE JORNALISMO
Coordenação de Projeto Experimental em Jornalismo

TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA USO E VEICULAÇÃO DE IMAGEM E VOZ

Eu, Ivone Belino Barbosa, portador(a) da cédula de identidade nº DADOS RESTRITOS autorizo registro, uso e exibição da minha imagem e/ou voz.

Eu, Amanda Pozzi Dal'Bosco (nome do estudante), portador do RG nº DADOS RESTRITOS, recebo a autorização para fixar, armazenar, utilizar e exibir a imagem e/ou voz citada acima e inseri-la em obra intelectual, permitindo a utilização da mesma sem prejuízo ou restrições impostas pela legislação brasileira, pelo prazo máximo permitido pela mesma legislação.

O autorizante reconhece ainda, pelo presente documento, que o autorizado pode utilizar a imagem e/ou voz do mesmo para fins editoriais, armazenamento em meio analógico ou digital, exibição, criação de obras intelectuais (ou coletivas), desde que sem qualquer fim comercial.

A presente autorização é de concessão gratuita e não implica em qualquer remuneração para o autorizado.

Ponta Grossa, 10 de agosto de 2024.

Ivone Belino
Autorizante